

A CASA TOMBADA

A CASA TOMBADA E FACONNECT - FACULDADE CONECTADA
PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU “O LIVRO PARA A INFÂNCIA: PROCESSOS
CONTEMPORÂNEOS DE CRIAÇÃO, CIRCULAÇÃO E MEDIAÇÃO”

**A REPRESENTAÇÃO DA INVISIBILIDADE NAS DIFERENTES EDIÇÕES
ILUSTRADAS DE *OS INVISÍVEIS***

GABRIELLY DONÁ

São Paulo - SP
2025

GABRIELLY DONÁ

**A REPRESENTAÇÃO DA INVISIBILIDADE NAS DIFERENTES EDIÇÕES
ILUSTRADAS DE *OS INVISÍVEIS***

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de especialista na Pós-Graduação Lato Sensu “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, sob orientação da Professora Camila Feltre.

São Paulo - SP
2025

A literatura nos ensina a melhor sentir, e como nossos sentidos não têm limites, ela jamais conclui.

Antoine Compagnon.

A REPRESENTAÇÃO DA INVISIBILIDADE NAS DIFERENTES EDIÇÕES ILUSTRADAS DE *OS INVISÍVEIS*

Gabrielly Doná

RESUMO: O presente Trabalho de Conclusão de Curso busca discutir o tema do “invisível” na literatura infantil, abordando-o como um tema fraturante. De modo mais específico, o objetivo geral é analisar as diferentes publicações de *Os invisíveis*, destacando como os ilustradores representam a invisibilidade em suas ilustrações. E como objetivos específicos: 1. Analisar como as escolhas de ilustração e o olhar dos ilustradores nas obras *Os invisíveis* podem influenciar na perspectiva de leitura do leitor em relação ao tema da invisibilidade; 2. Constatar com os ilustradores de *Os Invisíveis* suas motivações e escolhas artísticas, investigando como suas perspectivas pessoais influenciam a maneira como o tema é abordado nas ilustrações; 3. Observar como o conceito de invisibilidade é traduzido visualmente nos livros. O conceito de invisibilidade seria analisado por meio da obra *Os invisíveis*, de Tino Freitas e Renato Moriconi e sua nova publicação tendo Odilon Moraes como o novo ilustrador da obra. O livro retrata personagens excluídos da sociedade, marginalizados, à margem do que é considerado visível ou importante. Para enriquecer a análise, metodologicamente, foram realizadas entrevistas com os ilustradores para entender suas motivações, as escolhas que guiaram suas narrativas e como a percepção do “invisível” pode variar conforme a perspectiva de leitura do leitor. A partir desse estudo foi possível observar como a ilustração pode proporcionar ao leitor um ponto de vista diferente diante da narrativa, bem como confirmar como um texto sozinho, sem as ilustrações, não constitui unicamente a história, mas que diferentes ilustrações podem resultar em um novo livro.

Palavras-chave: Literatura infantil; Livro ilustrado; Livro para a infância; Temas fraturantes; Invisibilidade.

ABSTRACT: This undergraduate thesis aims to discuss the theme of the "invisible" in children's literature, approaching it as a disruptive topic. More specifically, the main objective is to analyze the different editions of the book *Os Invisíveis*, highlighting how the illustrators represent invisibility in their artwork. The specific objectives are: (1) to analyze how the illustrators' choices and perspectives in *Os Invisíveis* can influence the reader's interpretation of the theme of invisibility; (2) to investigate the illustrators' motivations and artistic choices through interviews, exploring how their personal perspectives shape the visual approach to the theme; (3) to observe how the concept of invisibility is visually translated across the editions of the book. The concept is analyzed through the comparison of *Os Invisíveis* by Tino Freitas and Renato Moriconi and its new edition illustrated by Odilon Moraes. The book portrays characters excluded from society, marginalized, and placed at the edges of what is considered visible or important. To enrich the analysis, interviews were conducted with the illustrators to understand their motivations, the choices that guided their visual narratives, and how the perception of the "invisible" may vary depending on the reader's perspective. This study revealed how illustration can offer readers a different point of view on the narrative, and confirmed that text alone does not fully constitute the story—different illustrations can result in an entirely new book.

Keywords: Children's literature; Picturebook; Books for childhood; Disruptive themes; Invisibility.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Perguntas das entrevistas com os ilustradores	15
Quadro 2 - Perguntas do questionário para Tino Freitas	17

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Capa de Os invisíveis, por Tino Freitas e Renato Moriconi	29
Figura 2 - Os olhos (lua) do menino	30
Figura 3 - Últimas páginas com escrito	31
Figura 4 - Últimas páginas do livro	31
Figura 5 - O menino vendo um invisível	33
Figura 6 - Representação de um invisível	39
Figura 7 - Capa de Os invisíveis, por Tino Freitas e Odilon Moraes	41
Figura 8 - Coletor de lixo como invisível	42
Figura 9 - O menino invisível	43
Figura 10 - Idoso como invisível no início da história	43
Figura 11 - O idoso invisível sendo visto pelo menino	44
Figura 12 - O menino idoso como invisível no final da história	45
Figura 13 - O final com redenção e esperança	45
Figura 14 - Invisíveis com cor I	47
Figura 15 - Invisíveis com cor II	48
Figura 16 - Invisíveis com cor III	48
Figura 17 - Invisíveis com cor IV	48

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1 - Introdução: pessoas invisíveis, olhares sensíveis	9
1.1 As escolhas metodológicas	13
CAPÍTULO 2 - As concepções teóricas	19
2.1 Os temas fraturantes	19
2.2 A invisibilidade como tema fraturante	22
CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE OS <i>INVISÍVEIS</i>	24
3.1 Palavras iniciais sobre <i>Os invisíveis</i>	24
3.2 Quem são os ilustradores e o escritor	26
3.3 <i>Os invisíveis</i> , de Tino Freitas e de Renato Moriconi	29
3.4 <i>Os invisíveis</i> , de Tino Freitas e de Odilon Moraes	41
3.5 As diferenças entre os dois livros	53
3.6 Visão de Tino Freitas em relação às obras	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERÊNCIAS	58

CAPÍTULO 1 - Introdução: pessoas invisíveis, olhares sensíveis

Tudo o que entendemos sobre o mundo é uma síntese de nossa experiência, e as nossas lembranças específicas que não puderem ser relacionadas com a nossa síntese, com as nossas regras gerais, farão pouco sentido para nós.

Frank Smith.

A história deste TCC vai além de pesquisar um tema fraturante, que é a invisibilidade. Ele nasce como uma forma de transparecer as angústias humanas em relação aos invisíveis, como isso nos afeta e de qual forma uma ilustração pode nos colocar em diferentes pontos de vista diante da narrativa. Partindo de uma perspectiva mais ampla, a literatura infantil tem o poder de nos aproximar de questões do mundo que, muitas vezes, não nos atinge, mas que, em algum momento, pode nos tocar e nos fazer vivenciar aquilo. É nesse sentido que iremos abordar o livro ilustrado nas narrativas voltadas para a infância.

Pedimos licença para que, durante alguns parágrafos, a pesquisadora fale na primeira pessoa do singular, para relatar suas vivências e o que a motivou a realizar este estudo. Eu, Gabrielly, sou mestra em Educação pela Universidade Estadual Paulista - Unesp, com a dissertação “A morte nunca vem sozinha: temas fraturantes e formação docente”. Pesquisei sobre os temas fraturantes na literatura infantil, em específico a morte, além de realizar um minicurso para formação de professoras de uma escola municipal em Presidente Prudente-SP, sobre essa temática.

Com o referido estudo, me encantei com os temas fraturantes, pela possibilidade de expandir nossas concepções de mundo e de diferentes realidades a partir do livro de literatura infantil. Nesse percurso, conheci A Casa Tombada, lugar que existe para discussões amplas sobre assuntos que tocam a alma de quem educa e de quem é sensibilizado pelas mais diversas questões humanas. O tema da invisibilidade seria bem aceito em ser estudado ali.

Durante essa Pós-Graduação Lato Sensu “O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação”, eu me tornei professora. Digo me tornei pois, por mais que tenha me formado em Pedagogia, também pela Unesp, no início de 2022, apenas pude compreender o que de fato era ser professora

quando comecei a exercer a minha profissão em 2023, ao passar em um concurso público em Araçatuba-SP.

Foi um período de mudanças e de desafios. Tive que me adequar a uma nova rotina, imersa de novos significados e de novos objetivos. Naquele momento, eu não seria mais ‘apenas’ estudante de mestrado e da pós lato-sensu, mas também iria tocar vidas por meio da docência. Dessa forma, estar realizando meus estudos n’A Casa Tombada me trouxe muitas luzes no meu caminho, ao escutar as vivências de outros colegas e dos professores. Cursar a pós do livro para a infância me fez lembrar, diversas vezes, o significado de estudar o livro de literatura infantil, e como a sua mediação pode ser algo único para cada criança, para cada leitor que está em contato com um livro.

Odilon Moraes, que tem participação significativa nesta pesquisa, também foi meu professor e, durante as suas aulas, trouxe questões essenciais para a estruturação deste TCC. Algo que ele sempre fala é que a partir do momento que costuramos um livro, esse objeto tem um tempo, ou seja, um início, um meio e um fim. Essa costura precisa ser precisa e em constante diálogo entre imagem e texto.

Ao refletir sobre a relação entre texto e imagem na construção do significado, nos deparamos com o texto verbal e as ilustrações dialogando de maneira dinâmica e essencial para a construção da própria narrativa que se quer construir, sendo possível gerar novas camadas de interpretação. Esse movimento entre o que é visível pelas imagens e o que não é dito pelo texto se torna ainda mais relevante quando voltamos a nossa atenção para a temática da invisibilidade, a qual é explorada nas obras *Os Invisíveis*. A maneira como os ilustradores retratam visualmente essa ausência-presença pode influenciar a percepção do leitor, de modo a ampliar a ressignificação de quem são e como são vistos os invisíveis na narrativa.

A invisibilidade, como uma temática fraturante na literatura infantil, tem uma relevância humana que nos leva a repensar nosso lugar no mundo, tanto como aquele que tem uma visão aguçada para aqueles que não são vistos e não são tidos como relevantes na sociedade, como aqueles que, em algum momento, se tornam os invisíveis. Ao chegar em casa e não ter a atenção daqueles que têm certa convivência, ao entrar e sair de um lugar sem ser notado, ao tentar falar em uma roda de amigos e não ser ouvido, ao ter feito parte da vida de alguém e hoje não ser nem mais lembrado.

Várias situações cotidianas nos atravessam diariamente. Passamos por pessoas em situação de rua, trabalhadores informais e subempregados, idosos abandonados, crianças negligenciadas, pessoas com deficiência, comunidades indígenas e quilombolas, mulheres vítimas de violência doméstica, imigrantes e refugiados. Ao citar esses grupos, não temos a intenção de rotulá-los como invisíveis ou agrupá-los em uma mesma categoria. É dizer, esses grupos são tratados, em muitos locais e momentos na sociedade, como invisíveis. De qual forma? Tendo seus direitos negligenciados, seja pela indiferença social, pela falta de representatividade ou, então, pela ausência de políticas públicas que garantam a sua dignidade. Dito isso, a invisibilidade vai muito além de não ser visto fisicamente. Ela envolve não ser ouvido, não ser reconhecido ou não ser levado em conta nas decisões que influenciam a construção da sociedade em que vivemos.

Para abordar essas discussões ao longo desse Trabalho de Conclusão de Curso, primeiro gostaríamos de elucidar as questões que nos inquietaram no início do estudo. Quando o invisível está visível para nós, o que nos fez enxergá-lo? Se crescermos, vamos parar de vê-los? Quem são os invisíveis? Eu serei invisível um dia? A invisibilidade não tem volta e nem esperança? São a partir dessas indagações que escolhemos os livros *Os invisíveis* para tratar de um assunto tão delicado.

A obra *Os Invisíveis* tem como escritor Tino Freitas. Em sua primeira publicação, Renato Moriconi foi o ilustrador, já na segunda, Odilon Moraes tomou esse papel. A história trata de questões cruciais relacionadas à invisibilidade, tema que não é frequentemente abordado em livros de literatura infantil e que nem sempre recebem a devida atenção no campo da análise literária. Ao analisar as duas obras e, conseqüentemente, as ilustrações que as acompanham, a pesquisa buscou ressaltar a importância da imagem na literatura infantil e como leitores podem ser impactados por essas representações visuais da invisibilidade.

Quando falamos de invisibilidade na infância, é necessário considerar a percepção do outro, pois a maneira como as crianças são vistas e tratadas influencia em como elas estão inseridas nas instituições sociais, e não apenas no ambiente escolar e nas atividades das quais, geralmente, as crianças fazem parte, como comunidade local, centros de saúde, centros de recreação, igreja, espaços públicos, como praças, bibliotecas, museus, parques e centros culturais. A

invisibilidade também envolve a desvalorização das culturas da infância, afetando, dessa forma, a autoestima e o sentimento de pertencimento a algum grupo social.

Ao ter em mente, então, a singularidade da infância e como a invisibilidade das crianças pode afetar o seu reconhecimento e o seu pertencimento à sociedade, ressaltamos a relevância da ilustração para a construção do sentido do texto e, conseqüentemente, o papel do ilustrador na interpretação da narrativa, transformando a história a partir dos desenhos.

Sabendo-se isso, e que a obra *Os invisíveis* tem duas publicações, cada uma com um ilustrador diferente e, diga-se, com histórias de vidas e vivências diferentes, levantamos o seguinte questionamento: por que analisar esses dois livros? Acreditamos que cada ilustrador tem uma inspiração diferente que o guia para a concretização do desenho, indo desde motivações pessoais até diferentes técnicas. Assim, cada uma das obras de *Os invisíveis* nos conta uma história, ou seja, são dois livros distintos que nos contam vivências diferentes, mesmo tendo se originado de um mesmo texto verbal.

A partir disso, temos como **objetivo geral** analisar as diferentes publicações de *Os invisíveis*, destacando como os ilustradores representam a invisibilidade em suas ilustrações. E como **objetivos específicos**: 1. Analisar como as escolhas de ilustração e o olhar dos ilustradores nas obras *Os invisíveis* podem influenciar na perspectiva de leitura do leitor em relação ao tema da invisibilidade; 2. Constatar com os ilustradores de *Os Invisíveis* suas motivações e escolhas artísticas, investigando como suas perspectivas pessoais influenciam a maneira como o tema é abordado nas ilustrações; 3. Observar como o conceito de invisibilidade é traduzido visualmente nos livros.

Para que os objetivos sejam atendidos, fizemos a análise das obras e, para aprofundar e enriquecer nossas discussões, mantivemos o contato com os dois ilustradores, Renato Moriconi e Odilon Moraes, por meio de entrevista de forma remota. Essa etapa nos possibilitou dialogar com quem mais fielmente poderia nos dizer suas motivações, desafios e intenções por trás dos livros aqui analisados.

Comparar as diferentes publicações se faz importante para lembrarmos conceitos importantes da literatura infantil e dos livros ilustrados, uma vez que, por meio dessa análise, pudemos recobrar a consciência para o poder das ilustrações em colocar o leitor diante de uma perspectiva diferente de leitura e de percepção sobre a narrativa.

Nesse momento, iremos explicar brevemente sobre como este TCC está organizado. Teremos, inicialmente, as discussões teóricas para nos embasarmos sobre os temas fraturantes e o tema da invisibilidade. Após, faremos a análise dos livros, destacando informações sobre o autor e os ilustradores, e, inclusive, dialogando com eles, por meio das entrevistas, para compor um melhor aprofundamento das análises e discussões aqui propostas. Por fim, concluiremos o texto com o que de mais importante nos sobressaiu a partir da pesquisa feita.

1.1 As escolhas metodológicas

Esta investigação tem caráter qualitativo, por buscarmos observar os livros *Os invisíveis* de modo a compreender as motivações de suas ilustrações e as realidades nas quais foram construídas pelos ilustradores, dando, inclusive, maior significado às obras e ao tema da invisibilidade. Como afirmam Menga Lüdke¹ e Marli Eliza Dalmazo Afonso de André² (1986, p. 18), um estudo qualitativo “[...] se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada”.

Para compor o corpus teórico desta pesquisa, realizamos um levantamento bibliográfico, envolvendo a revisão sobre invisibilidade, literatura infantil, temas fraturantes e a relevância da ilustração no contexto da narrativa. De acordo com João José Saraiva da Fonseca³ (2002, p. 31-32), a pesquisa bibliográfica ocorre a partir

do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto.

Por meio do breve levantamento que fizemos na parte teórica deste TCC, pudemos retomar estudos já feitos, tanto sobre a invisibilidade em livros de literatura infantil como tal tema sendo estudado exclusivamente a partir de *Os invisíveis*.

¹ Menga Lüdke é professora titular emérita da PUC-Rio. Pesquisa na área de educação sobre problemas da formação de professores, pesquisa e profissão docentes, socialização profissional de professores e avaliação escolar.

² Marli André é professora e pesquisadora em Educação, com formação em psicologia e destaque em pesquisa qualitativa e formação docente.

³ João da Fonseca é doutor em Educação, com pós-doutorado pela Universidade de Aveiro, e atua como pesquisador e professor na área de Educação a Distância.

Para comparar as duas publicações de *Os invisíveis*, de Tino Freitas, por Renato Moriconi e por Odilon Moraes, em relação às escolhas para as ilustrações, optamos pela análise de conteúdo, de Laurence Bardin⁴ (2016). A autora define três etapas essenciais: a pré-análise, que envolve organizar e sistematizar as ideias, bem como as ações seguintes; a exploração do material, que diz respeito à categorização e à codificação; e, por fim, o tratamento dos resultados, que visa interpretar o material coletado.

Dessa forma, ao usar a metodologia de análise de conteúdo para analisar as duas obras aqui estudadas, aplicamos a categorização para observarmos semelhanças e diferenças entre elas e, por fim, interpretamos as mudanças encontradas com base nas intenções dos ilustradores.

Para aprofundar as análises propostas neste estudo, mais um passo metodológico foi adicionado: a entrevista. Realizamos entrevistas com Odilon Moraes e Renato Moriconi, com o objetivo de compreender o processo criativo de seus desenhos e as motivações por trás de suas escolhas artísticas. De acordo com João Amado⁵ e Sónia Mairos Ferreira⁶ (2014, p. 207), “a entrevista é um dos mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos”.

Os autores complementam que, na atualidade, a entrevista tem uma variedade de formas, inclusive pelo telefone, que foi o nosso caso. Enviei uma mensagem para os ilustradores entrevistados e marcamos uma data em comum, tendo ocorrido cada conversa de forma separada com cada um. Combinamos o horário, e as entrevistas aconteceram por videochamada, tendo sido autorizadas as gravações para posterior transcrição e análise.

De forma mais específica, enquadrámos a prática realizada em entrevista semiestruturada ou semidiretiva, sendo explicada por Amado e Ferreira (2014, p. 208):

As questões derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se

⁴ Laurence Bardin é professora-assistente de Psicologia na Universidade de Paris V. É uma estudiosa francesa que criou e sistematizou a metodologia da análise de conteúdo.

⁵ João Amado é doutor e mestre em Ciências da Educação e licenciado em Filosofia; foi professor da Universidade de Coimbra e é referência em temas como indisciplina escolar, bullying e pesquisa qualitativa em educação.

⁶ Sónia Mairos Ferreira é docente na Universidade de Coimbra, com pesquisas focadas em Educação de Adultos, Exclusão Social e a situação de pessoas em situação de rua.

pretende obter, embora, na interação se venha a dar uma grande liberdade de resposta ao entrevistado.

Para melhor ilustrar como foram estruturadas as entrevistas, dispomos abaixo um quadro com as perguntas elaboradas para o momento da conversa, entretanto, conforme dito acima, foram apenas questões para guiar a conversa, não sendo rígidas e inflexíveis. Vale ressaltar que as perguntas apenas em preto foram comuns aos dois entrevistados, as que estão em laranja foram feitas apenas para o Renato Moriconi e as em azul foram feitas apenas para o Odilon Moraes.

Quadro 1 - Perguntas das entrevistas com os ilustradores

Perguntas iniciais
• Como nasceu a inspiração para ilustrar esse livro? • Você viveu algo em relação a isso? • Como foi o processo de ilustrações como um todo? • Quais foram os maiores desafios ao ilustrar essa história?
Perguntas sobre o conceito de invisibilidade nas ilustrações
• Como você entende o conceito de invisibilidade e como ele foi incorporado nas ilustrações de <i>Os Invisíveis</i>? • Quais elementos visuais você utilizou para representar a invisibilidade das crianças na obra? Houve algum simbolismo específico que você quis explorar? • Na sua opinião, como as ilustrações podem contribuir para a construção da identidade social dos personagens marginalizados? O que você acha que uma imagem pode comunicar sobre a marginalização que as palavras sozinhas não conseguem?
Pergunta sobre a evolução da obra e o impacto das versões

- Quais foram os maiores desafios ao ilustrar essa história, especialmente considerando a primeira publicação?

Perguntas sobre a escolha artística e o olhar pessoal

- Como as suas experiências pessoais influenciaram as escolhas artísticas na ilustração de *Os Invisíveis*? Existe alguma vivência sua que tenha inspirado algum detalhe ou interpretação da invisibilidade na obra?
- O que você espera que as crianças, ao olhar para as suas ilustrações, sintam ou reflitam sobre a invisibilidade social? Houve alguma preocupação específica sobre como as crianças poderiam interpretar as imagens?
- Houve algum feedback de leitores ou educadores que influenciou suas escolhas artísticas em *Os Invisíveis*? Como as reações do público afetam sua abordagem em relação a temas tão complexos quanto a invisibilidade?
- Sobre a escolha de colocar a cor nos invisíveis, você acredita que influenciou a visão do leitor?
- Qual foi a intenção inicial de o menino enxergar os invisíveis, sendo representado por meio do feixe laranja e, depois, quando o menino cresceu, não ter mais o laranja nas páginas?
- Se você escolhesse colocar a cor nos invisíveis, como você acredita que isso iria influenciar a visão do leitor?

Perguntas sobre a relação entre texto e ilustração

- Como você vê a relação entre o texto de Tino Freitas e suas ilustrações? Você acredita que as imagens amplificam ou transformam a mensagem do livro sobre invisibilidade?
- Houve algum momento durante o processo de ilustração em que você se sentiu particularmente desafiado a expressar o tema da invisibilidade de maneira visual? Se sim, como lidou com esse desafio?

• Em sua visão, qual o papel das ilustrações em relação ao texto? Como você equilibrou a representação visual da invisibilidade para que ela fosse acessível e ao mesmo tempo profunda? • Qual sensação você acredita que a última página do livro propôs ao leitor?
Pergunta final
• Você teve novos feedbacks de leitores sobre a leitura?

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Para finalizar este tópico sobre os procedimentos metodológicos, iremos destacar a última etapa, que foi a aplicação de um questionário, de apenas três perguntas, para o escritor do livro: Tino Freitas. Ao finalizar as entrevistas e iniciarmos as análises, visto que o foco deste TCC são as ilustrações, percebemos que a visão do autor diante das três questões abaixo enriqueceria nossas discussões, sendo elas:

Quadro 2 - Perguntas do questionário para Tino Freitas

Perguntas
• Qual foi a inspiração para o surgimento do livro? • Qual a maior diferença que você vê entre as duas obras? • Você acredita que as duas obras colocam o leitor em uma perspectiva de leitura diferente, diante das ilustrações?

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por meio desse questionário, enviado por e-mail, buscamos compreender os três pontos destacados acima, a inspiração para a escrita do livro, a diferença

que ele vê entre as duas obras e se elas colocam o leitor em uma perspectiva de leitura diferentes.

Antes de finalizar este tópico é válido explicar como as análises das entrevistas e do questionário serão organizadas. O que é de praxe fazer em um trabalho acadêmico é criar categorias de análise por proximidade de conteúdos, entretanto, para que este TCC se mantenha com caráter mais fluido, como se realmente fosse uma conversa entre quatro pessoas – a pesquisadora, Moraes, Moriconi e Freitas -, iremos abordar suas falas em tópicos específicos para cada um, como se fosse uma retratação de partes que consideramos importantes da entrevista, mas de forma agrupada ao que diz respeito às falas de cada um.

A seguir, partimos para as discussões teóricas deste estudo.

CAPÍTULO 2 - As concepções teóricas

O visível é um adorno do invisível.

R. Juarroz

2.1 Os temas fraturantes

Há diversas nomenclaturas usadas como sinônimos em escritos acadêmicos: polêmicos, sensíveis, delicados, difíceis, fraturantes etc. Para padronizar a escrita, optamos por usar temas fraturantes, o qual já foi escolhido também na dissertação da autora (Doná, 2024). Ao elaborar a definição desses temas, escolhemos a de Andréia Alencar Oliveira-Iguma⁷, em que, em sua tese "De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2017?", os define como "importantes no que tange à produção contemporânea, posto que [...], por muito tempo, foram rasurados a fim de que as crianças e [os] jovens não lessem sobre eles" (Oliveira-Iguma, 2019, p. 60).

Oliveira-Iguma justifica a razão de preferir usar fraturantes, sob a qual concordamos e aderimos para a nossa pesquisa:

A palavra fratura, está associada [à] noção de algo que foi quebrado, que sofreu uma ruptura. Diante do sentido conotativo empregado no dicionário paramos para refletir sobre o porquê de os temas fraturantes serem considerados como temas tabus. A noção que desenvolvemos é a de que essa fratura vai além do sentido denotativo, ao ampliar para aquilo que quebra também o que é moral e permitido pelos detentores do saber (Oliveira-Iguma, 2019, p. 108-109).

Em estudo anterior da autora deste TCC, a sua dissertação, há uma indagação central que ela se propõe a discutir ao se falar de temas fraturantes e os termos afins. Essa questão é: "para quais pessoas aquele tema é polêmico ou desconfortável?" (Doná, 2024, p. 18). Isso se deve ao fato de que cada ser humano é único e com experiências individuais, portanto, antes de se falar que determinado assunto é polêmico, sensível, fraturante, é importante refletir sobre qual público estamos falando.

⁷ Andréia Alencar Oliveira-Iguma é doutora em Estudos Literários e mestre em Letras, é graduada em Letras. Atua principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, literatura infantil e juvenil, políticas públicas de leitura e vertentes do insólito. É idealizadora da Travessia Literária.

Entretanto, mesmo considerando o “para quem” determinado tema é fraturante e que, inevitavelmente, cada um terá uma intensidade e relevância diferentes, ainda assim há os que podemos considerar como sendo fraturantes, pela essência em si. Tais como a morte, a perda, a invisibilidade, dentre outros. Esses são alguns exemplos de temáticas que são inerentes ao ser humano. Partindo desse pressuposto, Doná ainda defende que

a abordagem dos temas fraturantes em sala de aula tem sido percebida como uma das iniciativas que favorece reflexões dialógicas que ultrapassam os campos de conhecimento disciplinar, posicionando a criança como protagonista da escola e de seu próprio processo de formação (Doná, 2024, p. 18).

Esses temas não se traduzem em conteúdos curriculares ou que possam ser ensinados de forma simplificada em virtude do pedagógico. São questões humanas que necessitam de maior atenção e sensibilidade ao levá-los até a sala de aula. Os livros infantis são objetos onde tais temas podem estar presentes. Contudo, de acordo com Rosa Maria Hessel Silveira⁸, Darlize Teixeira de Mello⁹ e Liége Freitas Barbosa¹⁰, as concepções de infância presentes em distintos contextos culturais e sociais estão conectadas com a ausência ou a presença de certas temáticas em livros e histórias voltados às crianças (Silveira; Mello; Barbosa, 2019, p. 317). As autoras complementam essa afirmação ao refletir que

um conceito de infância como idade da inocência se relaciona tanto com a apresentação de enredos considerados mais ingênuos, alegres, pueris, quanto com a higienização, nas histórias, de passagens mais violentas, de temáticas consideradas adultas e excessivamente complexas para os pequenos (Silveira; Mello; Barbosa, 2019, p. 318).

A respeito disso, Silveira, Mello e Barbosa (2019) afirmam que, nas últimas décadas, diversos fenômenos e tendências motivaram a inserção de abordagens específicas nas obras destinadas ao público infantil. Tal fato, inclusive, afirma a sua estreita ligação com o âmbito cultural e social que são elaboradas. Diante disso, as

⁸ Rosa Maria Hessel Silveira é doutora em Educação pela UFRGS, com pós-doutorado em Educação pela Universidade de Lisboa, é professora e pesquisadora renomada na área de Estudos Culturais em Educação, focando em literatura infantojuvenil, identidade e representações docentes.

⁹ Darlize Teixeira de Mello é doutora e mestre em Educação pela UFRGS, atua como professora na Universidade Luterana do Brasil, com foco em alfabetização, letramento e literatura infantil.

¹⁰ Liége Freitas Barbosa é doutora em Educação pela UFRGS, com atuação em Educação a Distância e pesquisas voltadas às relações entre juventude, mídias, literatura infantojuvenil e cultura contemporânea.

autoras apresentam algumas mudanças que repercutiram significativamente na literatura infantil e nas temáticas por ela exploradas.

O borramento de fronteiras entre o mundo infantil e o mundo adulto; o esgarçamento de fronteiras geográficas e a influência da globalização (com o incremento dos deslocamentos humanos, por um lado, e, por outro, o influxo das velhas e novas mídias, implicando a compressão espaço-tempo); a crescente visibilização de grupos minoritários e anteriormente subalternizados, agora reivindicando seus direitos de inclusão, e – especificamente no Brasil – a inserção no campo curricular de vários temas antes ausentes das preocupações pedagógicas (vejam-se os Temas Transversais) (Silveira; Mello; Barbosa, 2019, p. 318).

As autoras ainda apontam para outro fato a ser observado sobre os temas polêmicos nos livros de literatura infantil é que, se existem muitas dessas obras no contexto brasileiro, poucas delas, talvez, sejam de fato “desafiadoras”. O didatismo atravessa a maior parte dos livros sobre esses temas, sendo observado o cuidado dos autores em comunicar “passar uma mensagem” para os leitores, provavelmente com um objetivo comercial vindo das próprias editoras (Silveira; Mello; Barbosa, 2019, p. 319).

De acordo com o exposto, Edgar Roberto Kirchof¹¹ e Renata Junqueira de Souza¹² (2019) também discutem sobre os livros de temas fraturantes e a infância, em que livros que são voltados para crianças e jovens, acabam não sendo escritos por esse público. Isso quer dizer que são elaborados por adultos com o objetivo de serem apreciados por leitores infantojuvenis. Apesar de que, em geral, necessitam também ser avaliados por adultos que atuam como mediadores, por exemplo pais e educadores. Nesse viés, se torna inevitável que essas obras “reflitam as visões de mundo dos autores adultos, especialmente suas visões sobre as possibilidades e os limites do que faz parte da linguagem artística e literária, de um lado, e sobre o que é ou o que deveria ser uma criança e um jovem, de outro” (Kirchof; Souza, 2019, p. 28).

Os temas fraturantes estão presentes nos livros para a infância, entretanto, se faz essencial observar a qualidade deles, considerando os diferentes objetivos

¹¹ Edgar Roberto Kirchof é doutor em Linguística e Letras pela PUCRS, com pós-doutorado em Estética e Biossemiótica na Universidade de Kassel, é professor na Universidade Luterana do Brasil, com pesquisas focadas nas relações entre Literatura, Cultura Digital, Diferenças e Literatura Infantojuvenil.

¹² Renata Junqueira de Souza é doutora em Letras pela UNESP, é professora aposentada e fundadora do CELLIJ, com ênfase em leitura, literatura infantil, estratégias de leitura e formação de professores, atuando em programas de pós-graduação na UNESP e UFPB.

que permeiam a sua produção. Assim, tais obras se tornam importantes para que o leitor possa compreender a própria realidade a partir do imaginário.

2.2 A invisibilidade como tema fraturante

A invisibilidade, como dito na introdução, pode ser entendida como a ausência de reconhecimento ou o apagamento de sujeitos, comprometendo a sua identidade, a sua autoestima, a sua cultura e até a sua visão de si mesmo. O termo invisibilidade social diz respeito, segundo Silvana Ribeiro Gili¹³, “ao apagamento de uma pessoa enquanto ser humano com traços individuais que a distinguem de outras pessoas” (Gili, 2016, p. 184).

Esse conceito de invisibilidade resulta de uma reflexão contemporânea a respeito das desigualdades sociais acentuadas pelo capitalismo. O termo tem sido usado para designar minorias ou grupos socialmente marginalizados devido ao preconceito ou à indiferença. Isso ocorre em um contexto onde relacionamentos são hierarquizados e afeta aqueles que estão à margem da sociedade devido a razões econômicas e/ou culturais.

A autora ainda acrescenta que este tema é relevante em relação ao papel que cada indivíduo exerce na sociedade, bem como no reconhecimento de sua identidade em variados contextos sociais, uma vez que coloca em pauta a crise das relações individuais na sociedade contemporânea. A temática da invisibilidade das margens tem sido o foco da atenção de veículos de comunicação e de programas sociais nas últimas décadas. O processo para que ocorra conscientização demonstra agir diante de duas vertentes: “tanto chama a atenção para essas diferenças quanto reforça as fronteiras – físicas ou não – que separa os grupos sociais dentro do espaço urbano” (Gili, 2016, p. 184).

Outro estudioso que pesquisou sobre a invisibilidade é Fernando Braga da Costa¹⁴ (2004), doutor em Psicologia. Ele escreveu sua tese a partir de um experimento social, em que fingiu ser gari e conviveu durante nove anos com garis da Cidade Universitária de São Paulo. Durante seu estudo, comprovou que a

¹³ Silvana Ribeiro Gili é doutora e mestre em Literatura pela UFSC, com especializações no Brasil, Espanha e EUA, pesquisa a relação entre texto e imagem em livros contemporâneos. Atua na formação de professores e no ensino em contextos bilíngues, com foco em literatura infantil e juvenil.

¹⁴ Fernando Braga da Costa é psicólogo social pela USP e autor do livro *Homens Invisíveis*, baseado em sua experiência como gari no campus da universidade. Sua pesquisa discute a invisibilidade social de trabalhadores braçais no Brasil.

invisibilidade pública existe. Ele diz que a invisibilidade social é uma “espécie de desaparecimento psicossocial de um homem no meio de outros homens” (Costa, 2004, p. 43). Esse desaparecimento, segundo o autor, não parece ser apenas físico, e pode ocorrer de variadas formas.

Quanto às questões que envolvem a invisibilidade, Costa (2004) afirma que os uniformes seriam considerados como signos que definem uma posição social, seja de trabalho, para representar hierarquia ou mesmo de classe, contribuindo para a formação social do apagamento público dos indivíduos. Ademais, dois fenômenos psicossociais podem definir a invisibilidade pública, nas sociedades capitalistas: a humilhação social, sendo algo de cunho histórico das pessoas pertencentes às classes empobrecidas, e a reificação, que se relaciona ao valor mercantil que é atribuído às relações humanas, às instituições e às pessoas.

CAPÍTULO 3 - ANÁLISE DE OS INVISÍVEIS

Era uma vez um menino com um superpoder: na sua família, só ele via os invisíveis. [...] Às vezes, ele tinha a impressão de que também era invisível.

Os invisíveis.

Para falarmos sobre a invisibilidade nos livros de literatura infantil, especialmente ao nos referirmos às obras *Os invisíveis*, precisamos definir a importância das ilustrações para compor o livro como tal. Para isso, nos apoiamos nas falas de Gili, defendendo que “o livro ilustrado é um objeto cultural que representa uma forma de expressão artística visual e literária única, pois conjuga texto escrito e texto visual para a construção da narrativa” (Gili, 2016, p. 187).

Ao pensarmos nos livros ilustrados que abordam os invisíveis, vale observar, de acordo com Gili (2016), a maneira que as ilustrações podem mostrar de forma muito clara alguns pontos obscuros, como a própria invisibilidade. Ainda, o leitor posiciona-se ao tentar equilibrar a tensão entre o texto visual e o escrito, participando da construção do significado a partir do que o texto mostra ou diz. “O livro ilustrado representa, portanto, mais do que a soma das duas partes” (Gili, 2016, p. 187).

3.1 Palavras iniciais sobre *Os invisíveis*

Os invisíveis conta a história de um garoto que conseguia ver os invisíveis, enquanto os adultos não conseguiam. Esse era seu superpoder; contudo, aos poucos, ele vai perdendo-o. Essas informações são as que podemos apresentar que são compartilhadas entre ambas publicações. A partir disso, cada livro conta uma história diferente, mas, como seria possível se é o mesmo autor e, diga-se, o mesmo roteiro? Bem, Odilon, na entrevista que fizemos, dialoga belamente sobre como esse feito se concretiza: “Não é mais a obra do Tino ilustrada por mim ou a obra do Tino ilustrada pelo Renato. Não é! É outra obra. Uma obra que se chama *Os invisíveis*, com Renato e com Tino, e uma outra obra que se chama *Os invisíveis*, comigo e com Tino. Não são a mesma obra” (Odilon, 2025).

Sobre a reedição, ou melhor dizendo, a nova obra de *Os invisíveis*, é interessante observar que é uma inovação na literatura infantil brasileira, por não ser comum essa troca de ilustradores. Essa mudança foi extremamente rica para os estudos diante das ilustrações e o seu poder em transformar uma história. Odilon disserta também sobre essa questão durante a entrevista¹⁵.

Esse livro é um case na história do livro ilustrado, porque o livro ilustrado é uma obra construída a dois, né? Tanto é que até em contrato assim, eu peço que o contrato seja diferente de um livro tradicional. Que eu falo, um livro tradicional eu posso, no contrato, dizer que eu estou fazendo as ilustrações para a obra tal. Quando eu vou fazer Chapeuzinho Vermelho é uma ilustração para a obra dos irmãos Grimm, ou quem quer que seja. No livro ilustrado, a obra não precede as ilustrações. É quando entra as ilustrações que se tornam uma obra. Isso quer dizer que as ilustrações fazem parte da história. Então, a história não existe ainda sem as ilustrações. Existe um pedaço dela. Então, o livro ilustrado... eu faço a comparação igual música. Você muda. Vamos supor que tem uma gravadora que tem a música Garota de Ipanema, aí ela vai mudar de gravadora e vai pedir para outra pessoa fazer a letra ou para outra pessoa fazer a música? Não. Garota de Ipanema é a música do Tom Jobim com a letra do Vinícius, isso é Garota de Ipanema, só a música não é Garota de Ipanema e só a letra também não. Então, depois que teve a fusão, aquilo virou uma obra. Então eu falo que é o case porque eu não conheço outro livro ilustrado, assim, que alguém tenha pensando... Já pensou Onde vivem os monstros, imagina passar para outra pessoa ilustrar? Não existe isso daí (Odilon, 2025).

O livro ilustrado se torna único ao passo que cada componente de sua criação, escritor e ilustrador, estão presentes e envolvidos em sua construção. Mesmo que Tino seja o escritor de *Os invisíveis*, no momento em que Odilon se torna o ilustrador da segunda publicação, essa já não é mais a mesma obra, tampouco a mesma história. Os desenhos mudaram, e com eles a narrativa ganhou outro formato.

Para iniciar as discussões sobre as obras, primeiramente, iremos contar um pouco sobre o escritor e os ilustradores.

¹⁵ Esclarecemos que, a partir desse momento, discutiremos conjuntamente com Odilon e Renato, por meio de suas entrevistas e pontos de vista. Tendo isso em mente, alguns trechos de suas falas serão adicionadas na íntegra, mesmo que sejam longos, para trazer a ideia dos ilustradores em sua totalidade. Além disso, para melhor organização do texto, as falas maiores de três linhas não serão recuadas, mas sim apenas inseridas com letra e espaçamento menores e em itálico.

3.2 Quem são os ilustradores e o escritor

TINO FREITAS



Tino Freitas é escritor, jornalista, músico, mediador de leitura e contador de histórias, tendo mais de 40 livros publicados. “Suas obras caracterizam-se pelo humor, a crítica social e o experimento com o suporte (papel/folha/livro objeto) enquanto importante elemento condutor da narrativa” (Freitas, 2025). Tem diversos prêmios: o Jabuti, o Selo Altamente Recomendável para Crianças, da FNLIJ (Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil); Selo DISTINÇÃO da Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO; Os 30 Melhores Livros do Ano, da Revista Crescer, The Braw Amazing Bookshelf, da Feira de Bologna). Ainda, “tem obras selecionadas e distribuídas em programas de leituras como PNBE, PNAIC, PNLD Literário e o LEIA COM UMA CRIANÇA” (Freitas, s.d.).

Algumas de suas produções são:

O que é preciso pra ser rei?, de 2022;

Os Invisíveis, de 2013 e 2021;

Antes de Ir Para a História, de 2021;

Um abraço passo a passo, de 2016;

Aparecido, de 2022;

Vermelho, lá vai, violeta, de 2019;

Com que roupa irei para a festa do rei?, de 2017;

Leila, de 2019;

Uniforme, de 2019;

Pra que essa boca tão grande?, de 2022;

Quem quer brincar comigo?, de 2011;

Mamãe, Coragem!, de 2023.

RENATO MORICONI



Renato Moriconi é escritor e ilustrador de livros de literatura infantil há mais de 20 anos. É graduado em Artes plásticas e pós-graduado em Design gráfico. Com as suas publicações, tanto no Brasil como em outros países, ganhou alguns prêmios e reconhecimentos: Prêmio Jabuti em Ilustração infantil; Melhor livro para criança e Melhor livro-imagem (FNLIJ); Premio Cuatrogatos; Finalista do prêmio Melhor livro de arte, da revista italiana Andersen; Troféu Monteiro Lobato, da Revista Crescer; Melhor ilustração editorial no 13º Salão Internacional de Desenho para Imprensa de Porto Alegre; Livro Bárbaro na lista de The Boston Globe, com os melhores livros infantis que foram publicados nos EUA; The Most Astonishingly Unconventional Children's Books, da School Library Journal; Bologna Ragazzi Awards (Companhia das Letras, s.d.).

Algumas de suas produções, tanto como escritor quanto como ilustrador, são:

Bárbaro, de 2013;

Bocejo, de 2012;

Caras animalescas, de 2013;

Céumar Marcéu, de 2020;

Dia de lua, de 2023;

Dia de sol, de 2022;

Estátua!, de 2024;

O Menino Que Virou Chuva, de 2020;

Os invisíveis, de 2013;
O sonho que brotou, de 2010;
Telefone sem fio, de 2010;
Uma planta muito faminta, de 2021.

ODILON MORAES



Odilon Moraes é escritor e ilustrador de livros de literatura infantil, tendo publicado mais de 50 livros, tanto no Brasil como em outros países. É graduado em Arquitetura. Seu trabalho foi reconhecido por diversos prêmios: Prêmio Jabuti; Prêmio Adolfo Aizen (União Brasileira de Escritores); Prêmio Ofélia Fontes, como O Melhor Livro para crianças, da FNLIJ (Global Editora, s.d).

Algumas de suas produções, tanto como escritor quanto como ilustrador, são:

A princesinha medrosa, de 2017;
Bia e o Elefante, de 2021;
Direitos do pequeno leitor, de 2017;
Entrevistas - Contos de fadas, de 2020.
Lá e aqui, de 2015;
O guarda-chuva do vovô, de 2013;
Olavo, de 2018;
Os Invisíveis, de 2021;
Papai Pintava, de 2024;
Pedro e lua, de 2017;

Quando as coisas desacontecem, de 2023;

Rosa, de 2017;

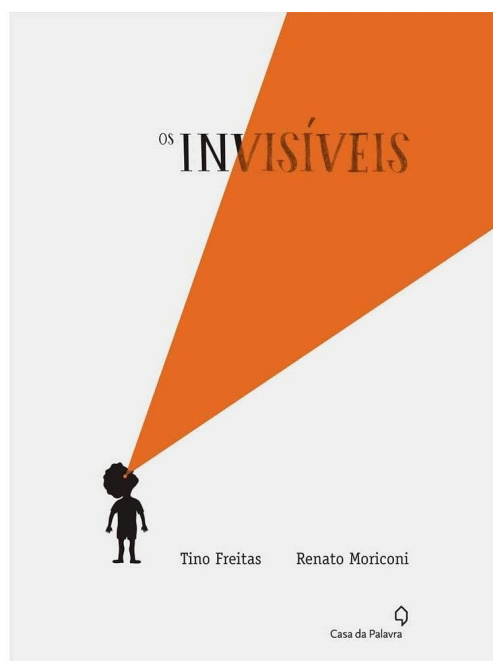
Tanto Odilon Moraes quanto Renato Moriconi são professores em cursos de pós-graduação d'A Casa Tombada e frequentemente participam de palestras e momentos de formação sobre suas produções.

A seguir, iremos nos debruçar na análise do livro de Tino e de Moriconi, após, na de Tino e de Odilon e, por fim, faremos uma análise comparativa entre as duas obras e as mudanças ocorridas. As entrevistas farão parte desses momentos, para nos auxiliar nas discussões de forma mais aprofundada.

3.3 *Os invisíveis*, de Tino Freitas e de Renato Moriconi

Na obra de Renato Moriconi, publicada em 2013 pela editora Casa da Palavra, ele escolheu quatro cores para trabalhar, preto, laranja, branco e acinzentado. Com laranja, ele representou o poder que o menino tinha de ver os invisíveis. O branco compôs o fundo das páginas e o preto o restante dos cenários e das pessoas conhecidas pelo menino, inclusive ele próprio é retratado com a cor preta. Com acinzentado, ele tornou visível os invisíveis.

Figura 1 - Capa de *Os invisíveis*, por Tino Freitas e Renato Moriconi



Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

Ao longo das páginas, vemos que o laranja está bastante presente, ou seja, enquanto era criança o superpoder de enxergar os invisíveis ainda estava lá. Com o passar das páginas e, conseqüentemente, dos anos, o laranja foi aparecendo cada vez menos. Com o formato de lua, vide Figura 2, os olhos do menino se fecharam e o poder sumiu assim que ficou adulto. Moriconi fala sobre essa parte do livro:

Você vai ver que tem uma diagonal ascendente, que é o olho do menino, o olho dele é redondo, totalmente redondo. Então quando você abre nessa página da diagonal ascendente, fala que o tempo passou, é o olho dele ali... É como se a gente estivesse vendo o olho dele e o olho dele vai fechando. Mas aquele olho é também as fases da lua, é a lua que vai passando. [...] Então, essa página ali, por exemplo, é um divisor do livro, entre o que aconteceu e o que vai acontecer. E aí, o tempo passa. Então, naquela única dupla há uma ampliação do tempo. O tempo fica mais amplo. O tempo passou (Moriconi, 2025).

Figura 2 - Os olhos (lua) do menino

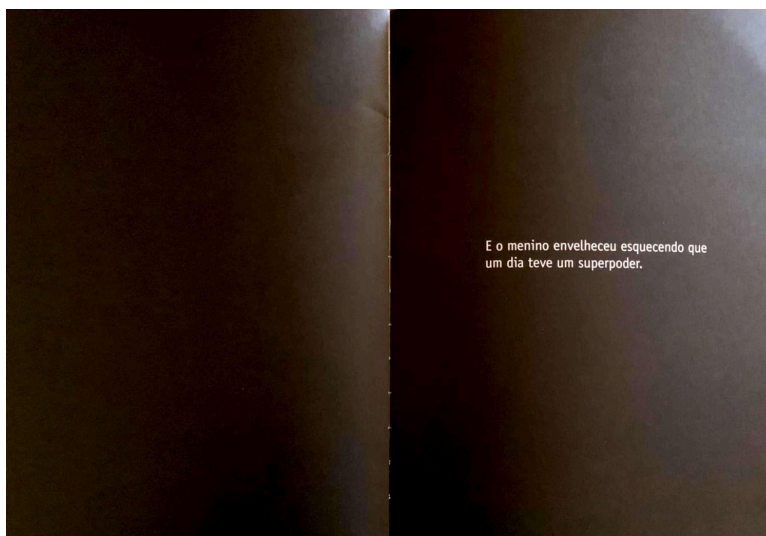


Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

A vida vai acontecendo. O menino entra para a faculdade, consegue um emprego, se casa, perde alguém de sua família, tem um filho. Em todo esse percurso ele estava sem seu superpoder e, até o final, não tem mais o tom alaranjado. Assim, quando a cor alaranjada deixa de fazer parte das páginas dos livros, compreendemos que o menino cresceu e que, agora, não tinha mais o superpoder.

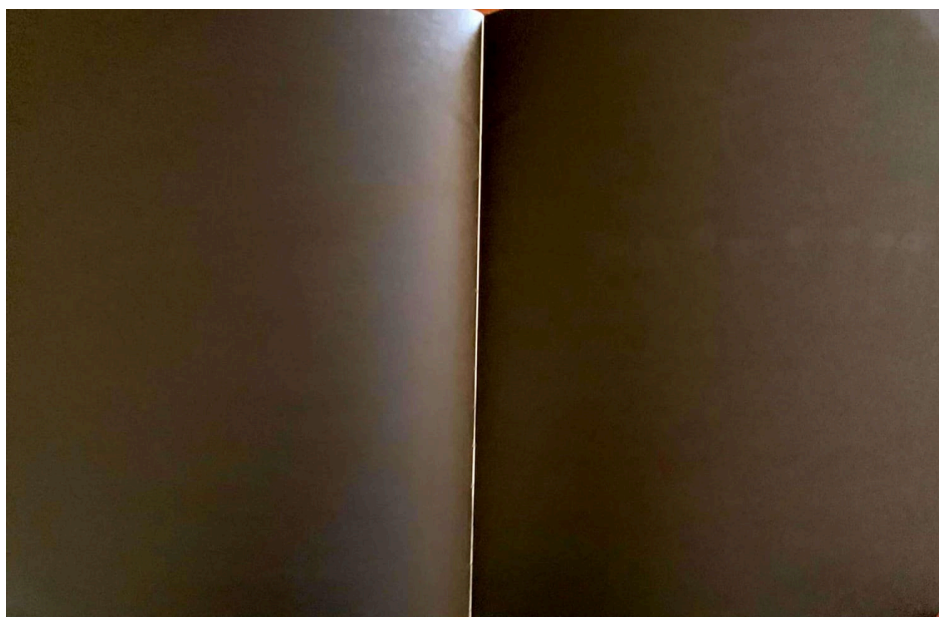
Ao final, não há esperança de que um dia ele irá retomar essa habilidade. Há apenas as páginas em preto, que representam a cor usada para o menino, assim como indicado na entrevista com Moriconi. Ou seja, a história termina sem uma esperança, sem um ato de redenção. Os invisíveis não foram mais vistos pelo menino, agora homem. Como diz Gili, “o olhar aguçado pode ver, mas nem tudo o que é visível está claro” (Gili, 2016, p. 189).

Figura 3 - Últimas páginas com escrito



Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

Figura 4 - Últimas páginas do livro



Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

Quando observamos atentamente quem são os invisíveis, temos coletor de lixo, malabarista no trânsito, artista de rua, pessoa em situação de rua, coveiro e o próprio garoto em sua casa enquanto os pais estão ocupados. Com exceção deste último, todos os invisíveis são agrupados em uma vertente social, ou seja, pessoas excluídas da sociedade por sua classe social.

Outro ponto a se observar, que já foi relatado em pesquisa anterior por Maria José Xavier da Silva¹⁶ (2024), é em relação à capa. O feixe de luz que o menino lança sobre o título não toca a sílaba “in”, mas sim o restante da palavra “visíveis”. Dessa forma, a visão do menino ilumina os invisíveis, ou seja, mesmo na capa ele está vendo-os. Além disso, “outro ponto a se ressaltar é que o artigo definido “os”, encontra-se menor em proporção no tamanho da fonte do que o substantivo “invisíveis”, deixando que o substantivo se sobressaia, a fim de evidenciar de quem a obra se trata” (Silva, 2024, p. 36).

As escolhas artísticas foram cuidadosamente pensadas para que representasse ao leitor o que a história iria transmitir. Para que isso fosse concretizado, várias opções foram escolhidas.

Assim, cores, texturas, silhuetas, movimento e posição das imagens se articulam no espaço total das páginas, conferindo à obra movimento e auxiliando o leitor a focar o olhar no que o menino, protagonista, vê. A sensibilidade da infância vai dando lugar à frieza e insensibilidade da vida adulta, quando a indiferença de “estar acostumado” torna algumas pessoas invisíveis em meio à vida cotidiana (Silveira; Mello; Barbosa, 2019, p. 322-323).

O próprio ilustrador, durante a entrevista, nos contou de onde nasceu essa inspiração para ilustrar o livro da forma que fez e quais foram as técnicas usadas.

Ele era um texto bastante aberto e, nessa abertura, eu encontrei uma forma. Porque essa abertura do livro é sobre quem era a pessoa invisível. Então, eu fui colocando nessa abertura, fui escolhendo... que profissões ou não. Por exemplo, tem a profissão do gari, do coveiro, da pessoa em situação de rua. Colocamos o artista de rua, enfim. E então, nessas aberturas, eu enxerguei a possibilidade de dialogar com o Tino. Me chamou bastante a atenção esse tipo de livro, bastante aberto. Então, eu gostei desse convite por conta disso e me atraiu esse convite por conta disso. Mas ele era um livro que, já no princípio, eu havia percebido que era problemático, porque qualquer imagem que eu trouxesse — e aí tem a ver com a técnica, a escolha da técnica —, qualquer imagem

¹⁶ Maria José Xavier da Silva é graduada em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

que eu desenhasse ia concretizar e particularizar aquele ser que, na palavra, o invisível... na palavra, estava invisível. Na palavra, o invisível está invisível. E aí eu tentei, de certa maneira, com a silhueta, ficar um pouco também invisível. Não marcar muito o tipo do invisível, a característica física do invisível, para não estereotipar, não estigmatizar. Daí vem a simplicidade também do livro. A simplicidade da comunicação tem a ver um pouco com os trabalhos que eu sempre fiz. Acho que eu trabalho muito mais do que desenhar imagens atraentes ou bonitas. Na verdade, é falar, me comunicar com aquilo que estou fazendo, seja com palavras, seja com imagens. No caso, eu precisava ser muito claro e específico. Então, a simplicidade e o silêncio têm a ver com chamar atenção para aquilo que estou comunicando. Ele é um livro que comunica bastante pela simplicidade. São três tipos de variação ali dentro do livro: um com lápis, um chapado preto e um chapado laranja. E, através disso, isso se transforma em gramática dentro desse livro. Isso tem a ver também com a técnica do livro. Esse tipo de técnica usada tem a ver com a minha gramática, com o que eu ia falar. Então, é por aí... a técnica tem a ver com a gramática que eu escolhi para dialogar com o Tino através da imagem (Moriconi, 2025).

Antes de dar continuidade às perguntas feitas, que originaram o nosso diálogo, iremos elucidar o motivo de Renato Moriconi não querer mais continuar com o livro. Essa decisão se deu a partir de uma experiência pessoal que ele passou, durante a leitura da obra para um grupo de adolescentes. Ele relata que, ao ler *Os invisíveis* para um grupo de adolescentes em uma escola, lhe surgiu a questão de, talvez, eles enxergarem seus próprios pais como invisíveis, por conta das representações ao longo das ilustrações.

Figura 5 - O menino vendo um invisível



Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

Dessa forma, surgiu o receio de os leitores passarem a ver seus pais como invisíveis, algo que não aconteceria sem a leitura, por exemplo.

Então, foi o contato com o livro — primeiro como autor e, depois, o que me fez romper foi um contato como leitor, e não mais como autor. [...] É um trabalho muito cuidadoso. Ele não é preciso, assim, a minha leitura não é única, na verdade. Ele é um livro cheio de aberturas, e uma das aberturas me incomoda muito. [...] Tem a ver com a visão que eu tenho desse trabalho depois, que me incomodou muito. Não é a única visão, mas é uma delas, e eu procuro não externar tanto, para que ela também não afete a do outro... não afete a visão do outro (Moriconi, 2025).

Além da inspiração para ilustrar esse livro, também perguntamos para Moriconi se ele viveu algo em relação a esse processo de ilustração e como foi a criação como um todo, ou seja, se ele havia vivenciado algo no próprio desenho e, inclusive, se esse percurso o fez refletir de outra forma sobre o que iria ilustrar. Essa questão abriu espaço para aprofundar o motivo dele ter escolhido não continuar com o livro, elucidando suas vivências pessoais com o tema em sua infância.

Então, não no processo de fazer o livro. Mas, desde moleque eu convivo e me relaciono com pessoas em situação de rua, né? Aí, de certa maneira, isso tem muito a ver. Um tema muito claro para mim... Isso eu até conversei com o Odilon depois. Esse livro, quando eu estava fazendo, era muito, muito precioso para mim, porque eu sabia que estava tocando em vidas, estava falando sobre vidas. Não estou falando sobre algo abstrato, estou falando sobre pessoas que têm aquelas profissões, que às vezes estão naquela condição. Então, eu mesmo, na minha própria infância, em alguns momentos, passei um pouco por essa ideia de invisibilidade também, olhando para a minha mãe, mas eu nunca percebi essa invisibilidade. Olha só, isso é uma coisa que foi muito, muito, muito importante para mim. Inclusive, acho que já vou adiantar, se for sua pergunta. Me leva para o final do processo todo, que é quando eu faço a ruptura do contrato. Porque, quando eu estou lendo o livro para uns adolescentes — não eram nem crianças —, eu estava numa escola. Aí, já... classe média. Eu não era classe média na minha infância. Tive uma infância com a minha mãe sozinha criando dois moleques. [...] Minha mãe era, de certa maneira, encaixada nessas profissões que chamam... às vezes, de uma profissão que poderia ser chamada de invisível, que não tem visibilidade social, que não é muito valorizada. E aí, quando eu estava lendo para esses adolescentes, numa escola aqui em São Paulo... eles pediram para eu ler. Estava lendo em um projeto que era a "Mala do Leitor", que era uma mala cheia de livros meus. Eles comentaram desse livro e a gente começou a ler juntos. Na hora que eu abri o livro e comecei a ler para eles, veio para mim uma reflexão. Falei assim: "Puxa vida, tomara, meu Deus, tomara que não toque em nenhuma profissão que algum pai ou mãe desses adolescentes tenha. Porque, às vezes, eu vou chamar de invisível uma profissão que aquele adolescente nem percebe como invisível." Essa percepção de invisibilidade, para mim, ficou muito

clara ali, na hora. Isso tem a ver com o fato de que eu estava... Eles nem me falaram nada. Isso foi uma percepção totalmente minha. Ali, naquele momento, percebi que a invisibilidade não tem a ver com a profissão ou com a coisa em si, mas com a visão, com o contexto e com a percepção do sujeito sobre aquilo que se vê. A invisibilidade não é algo concreto, a invisibilidade é uma lente. Então, ali, naquele lugar, falando naquele contexto, eu pensei: E se esse adolescente não vê a profissão da mãe ou do pai como invisível? De repente, eu leio e inauguro para ele que aquilo é invisível. Que o pai dele, que é um gari, que a mãe dele, que é uma coveira... Sei lá... De repente, eu inauguro para ele essa visão de invisibilidade, de acordo com um estrato social. Como eu falei para você, eu não via a minha mãe como invisível e ninguém me apresentou isso. Minha mãe sempre foi uma heroína, na verdade. Ela era quem tinha superpoder. Então, ali foi quando eu percebi que essa minha vivência, lá atrás, lá com a minha mãe, na minha infância, fez com que eu tivesse muito cuidado ao fazer esse livro. Minha vivência na infância e na adolescência, especialmente quando me envolvi com a religião... Eu fui, durante um bom tempo, bastante religioso. Me envolvi muito com pessoas em situação de rua, me envolvi bastante com trabalho social. [...] Mas ali, não como criador, e sim como leitor de um trabalho já criado, minha infância teve um papel fundamental naquilo que o livro se tornou depois (Moriconi, 2025).

Moriconi se sentiu sensibilizado ao perceber, não como ilustrador, mas como leitor, que talvez sua obra suscitasse durante a leitura o sentimento de que os pais dos adolescentes, por exemplo, seriam considerados invisíveis diante da sociedade. Foi lendo seu livro para os adolescentes que ele teve esse *insight*, de que o livro poderia inaugurar esse tema para seus leitores.

Acho que é um livro que fala sobre perda de visibilidade social, não apontando o dedo, mas, sim, o tanto que eu não vejo o invisível. Eu não pude ver algumas coisas desse livro que pude ver depois de um tempo, que talvez na infância eu tinha capacidade de ver. Se tivesse na minha infância com a minha mãe, eu falaria, eu pensaria: não, eu não vou colocar, não vou desenhar isso. E, depois, passou, perdi a visão. Depois recuperei essa visão, falei: Não, olha, não deveria ter desenhado dessa forma, porque agora eu recuperei minha visão. [...] Mas é isso, mudar um pouco a lente (Moriconi, 2025).

Moriconi apenas teve esse sentimento depois de algum tempo, é como se tivesse havido a perda da invisibilidade, mas que retornou depois para ele. Diante da volta da percepção sobre os invisíveis, ele nos revela que acredita que esse livro tenha destinatários e remetentes específicos.

Ele não é um livro para todo mundo. Ele tem um remetente e um destinatário específico. [...] Então, eu acho que é isso, um livro que tem um destinatário. Ele tem um remetente, classe média, ele é da

classe média. Então, depois desse momento aí eu percebi que o livro tem um remetente e um destinatário específicos, da classe média, elite, falando consigo mesmo. Essa é a minha visão. Como eu falei para você, um livro quando ele vai para o mundo, ele toma outro caminho, ele toma os caminhos que nem o autor... nem a visão do autor limita ele. [...] É um livro com remetente e destinatário específicos. É um estrato social específico. E esse estrato social, por exemplo, que pertenci, mas não pertencio mais, a meu ver, não está contemplado (Moriconi, 2025).

Por ser um livro com temática específica e delicada, como a invisibilidade, ele seria voltado a leitores específicos também. Nesse sentido, Moriconi faz alusão a um termo das artes plásticas, chamado *site-specific*.

Existe nas artes plásticas um negócio chamado site-specific, que é um lugar em que a obra é criada para acontecer só naquele lugar. Se você tira aquela obra daquele lugar, daquele espaço específico, a obra perde a força. Você sabe que esse livro, eu acho que ele tem uma relação com isso. Só que não de lugar, espaço, mas de um estrato social. Se você tira desse estrato social, esse livro muda totalmente de figura. Quem é esse menino? Quem é essa criança? E para quem ela fala? Esse menino que enxergava os Invisíveis, depois perde a visão... Ele é totalmente um menino de um estrato social e eu acho que ele fala desse e para esse lugar que ele habita (Moriconi, 2025).

Moriconi complementa a sua reflexão, dizendo que foi naquela leitura com os adolescentes que percebeu que aquele livro não era mais para ele, por ter sido ele quem escolheu cada detalhe desenhado. Ele definiu quem seria aquele menino, quem seriam os invisíveis e, por conta disso, não se sentia mais à vontade para prosseguir com a obra.

E eu nem falei pra eles, foi impactante. Eu fiquei em silêncio. Eu li, terminei o livro. Eles não comentaram nada, não impactou nada de maneira negativa neles. Foi um encontro positivo. Mas naquele dia, aquilo ali foi meio que um momento de conversão (risos). Eu falei: Não, esse livro não é mais para mim. Então, foi nesse momento aí, foi nesse dia. E eu acho que é interessante falar disso porque ele tem a ver muito com o meu trabalho e não com o texto. Eu poderia levar a imagem para um lugar totalmente diferente deste que está, como está o livro desenhado. Quem que colocou o gari, quem que colocou o coveiro? Tudo fui eu. Lógico, é um diálogo. Um livro, como foi feito, é um diálogo que eu tenho com o Tino, que depois entra Renata Nakano como editora. Foi a primeira editora desse livro. Mas a escolha foi minha, eu que escolhi... a voz da imagem é quem determina quem é esse menino, como ele é, que lugar... quem são esses personagens. Então, de uma certa maneira, eu rompi com o meu próprio discurso e o Tino manteve o dele. Então, de uma certa maneira, aqui eu faço uma meia culpa. Esse estrato social, ele foi muito enfatizado pelo meu desenho mesmo (Moriconi, 2025).

Considerando a sua questão diante da aceitação do livro e quais as interpretações possíveis, Moriconi nos relata qual foi o maior desafio ao ilustrar a história. Sua fala também girou em torno da questão de como os invisíveis foram retratados por meio do desenho.

Eu acho que o desafio foi esse mesmo... O grande desafio dessa história foi tentar ser neutro naquilo que é a identidade de cada personagem. A neutralidade da identidade foi o grande desafio, por isso a silhueta. Mesmo assim, mesmo dentro dessa tentativa... Essa tentativa de neutralidade através da silhueta, eu consegui, de uma certa maneira, me livrar de expor algumas características. Mas nem todas, nem tudo. Naturalmente, a silhueta marca uma criança, um determinado tipo de criança, que tem uma forma específica, enfim. Acho que também é um olhar... Esse livro deve ter quase 15 anos que foi publicado, talvez. Uns 12 ou 13 anos, talvez. Hoje, eu, com um olhar distante, consigo ver também algumas coisas que eu não via na época. Então acho que tem isso. Mas é isso aqui, acho que esse foi o grande desafio. Tentar encontrar neutralidade na identidade de cada personagem e revelar, ao mesmo tempo, a identidade de cada um. Então, esse jogo entre revelar e velar... Esconder e revelar/mostrar foi o desafio desse livro (Moriconi, 2025).

Para além dos desafios ao ilustrar a história em si, gostaríamos de saber se houve algum momento durante o processo de ilustração que Moriconi se sentiu desafiado a expressar o tema da invisibilidade de maneira visual. Diante disso, ele nos conta que:

Todo o meu trabalho nesse livro foi um exercício de expressar invisibilidade. Desde o invisível como transparente. Como colocar um invisível de forma visível? Então, como eu falei para você, eu coloquei uma gramática, que é um pouco do opaco e indo para o translúcido, que era uma imagem que estava meio que esmaecida, que era o cinza do lápis. E aí a invisibilidade social foi apresentar uma forma na silhueta, que era a forma, por exemplo, de alguma profissão específica e suas características (Moriconi, 2025).

A neutralidade na construção dos personagens foi algo pensado no início das ilustrações mas que, com o tempo, ele percebeu que tomou outro caminho. Para que a invisibilidade fosse retratada nos desenhos, primeiramente gostaríamos de saber como Moriconi entende o conceito de invisibilidade e como esse conceito foi incorporado nas ilustrações dos invisíveis.

Eu acho que tem duas formas de responder sobre esse tema, da Invisibilidade. Estamos falando de uma característica própria da linguagem, que é a imagem. A imagem não consegue ser invisível. Ela é visível, ela coloca informações sobre alguns aspectos, que conseguem ficar invisíveis na palavra, que é impossível ser invisível com a imagem. Então, acho que essa é a primeira questão. E aí o contrário também acontece. Tem coisas que a palavra deixa visível, traz à mente, forma imagens de forma, ainda que abstrata... mas forma imagens na nossa mente sobre determinados assuntos. Eu acho que, assim, por exemplo, quando eu parti para desenhar, eu já sabia que aquilo que era invisível eu tinha que transformar em visível. Então, por exemplo, o que ficou caracterizado como invisível? Na gramática, se a gente pega, por exemplo, quando a gente cria um livro, a gente cria um mundo com a gramática própria. Então, eu estou trabalhando um livro que o leitor vai abrir, vai ler e vai ver... Ah, entendi. Então, o laranja é o poder, o preto chapado é a figura concreta, a figura real, e aquilo que é feito em lápis é como se fosse uma imagem fantasmagórica, translúcida, assim. Então, ela tem uma coisa de invisibilidade que é... como se fosse o que é opaco, o chapado é opaco, é como se ele estivesse perdendo opacidade, ficando translúcido.... então, ele vai para o lápis. A gente tem ali no próprio livro uma gramática que já, de maneira concreta... então eu estou transformando algo que não era concreto, que estava só no mundo das ideias ou das palavras, estou transformando em imagem, num mundo de forma concreta. Isso é difícil de fazer de forma precisa. Então, essa invisibilidade... foi dessa maneira que eu consegui traduzir, colocar. Aí existem outras formas, sempre existem, sempre dá para fazer, porque é uma manipulação de ideias, é uma manipulação de informação visual. Você pode ter outras formas de tratar o invisível (Moriconi, 2025).

Para além dessa reflexão sobre a invisibilidade, Moriconi ainda acrescenta sobre como o livro tem um mundo todo dentro dele, havendo diversas possibilidades de ilustrações e de escolhas artísticas.

Olha só, existem várias formas de você inventar o invisível no mundo do livro. O livro é um mundo, e é um mundo à parte. Eu já falei dessa história de como eu li o livro nessa escola, ou seja, eu li o livro no mundo concreto, real nosso. Mas eu entendo que o livro é um mundo à parte, ele é um mundo que está criado nele mesmo, então, ele não precisa também do meu mundo para existir. Ele existe como um hiato dentro deste mundo e aí, às vezes, é alterado pelo que está em volta dele, mas é só uma forma dele existir. Então, nesse sentido, o livro é o que ele é. Ele não depende deste mundo para existir, para ele ser o que ele é. Ele está dentro deste mundo, então ele se altera por conta desse contato com este mundo. Mas por que estou dizendo isso? Porque cada autor vai criar um mundo. Pode ver, o próprio Odilon cria um outro mundo para esse invisível. É outro invisível, é outra história. Enfim, nesse mundo que eu criei, tem esse aspecto da invisibilidade (Moriconi, 2025).

Moriconi tem uma visão reflexiva diante do tema da invisibilidade, inclusive em como ele representou os invisíveis em seus desenhos. Ele tem consciência do que o levou a tomar a decisão de não continuar mais com essa obra, tão bela, mas

que pode instigar interpretações que ele não gostaria. Moriconi nos explica, então, sua visão sobre como os invisíveis foram desenhados em seu livro.

Quando eu falo de invisível, se eu uso a palavra invisível, eu consigo manter essa generalização do invisível. Eu estou falando: Olha, gente, vamos falar sobre os invisíveis sociais. Mas, quando eu desenho um invisível, eu coloco de maneira concreta todos os meus conceitos e pré-conceitos sobre o invisível (Moriconi, 2025).

Uma forma bem marcante em suas ilustrações de retratar os invisíveis foi por meio da silhueta. Essa escolha nos revela nas imagens quem eles são.

Figura 6 - Representação de um invisível



Fonte: Freitas e Moriconi (2013).

Outra questão essencial para a forma como o livro se estabelece é a cor, pois ela representa o poder da criança de enxergar os invisíveis. Então, essa cor é o que dá ênfase à história. Conforme vamos lendo, vemos o destaque da silhueta dos invisíveis por meio do feixe de luz laranja. Podemos ver quem são. Por meio disso, nos questionamos se essa escolha de ter dado a cor a eles influencia na visão do leitor, ou seja, em como ele vai seguir com a interpretação da história por estar vendo os invisíveis também. Eis a visão de Moriconi sobre esse apontamento.

Os Invisíveis, o livro que eu criei, é como ele está apresentado, com texto e com imagem, e o que está em imagem é a cor também. Então, tudo o que está escrito e que está em imagem é o livro na sua totalidade, então, não é que algo que está lá que influencia, o que está lá, é! Por que eu estou dizendo isso? Porque “influência” é quando tem alguma coisa que está externa àquilo que é e que altera a visão da leitura sobre algo. Não. A cor é o algo. Ela não influencia. Então, a cor é parte do

que o livro é, do que a obra é. Sem a cor, aquele livro seria outro. [...] O leitor lê o que está ali. [...] Imagem nunca é algo feito para influenciar na leitura, ela é feita para ser aquilo que vai ser lido. Então, é nesse caminho que eu vou... que o que está ali não está para influenciar, mas está para seguir, especialmente nisso que a gente chama de livro álbum ou Picture book. Ele é um livro que não nasce para algo, para influenciar, mas para ser a coisa em si. Então, essa é a minha visão desse tipo de obra que é Os invisíveis. Ela está ali e ela é aquilo (Moriconi, 2025).

Como visto, a cor teve papel fundamental na construção do livro como foi feito. Portanto, para finalizar as análises do livro de Freitas e de Moriconi, nos atentaremos ao significado que o leitor pode dar às últimas páginas do livro, ou seja, quais sensações puderam ser propostas ao leitor. Ainda, o que essas páginas puderam trazer ao leitor, uma vez que o livro finaliza dizendo que a família aumentou, o menino envelheceu, esquecendo que um dia teve um superpoder. Depois de continuar tudo sem o feixe laranja, apenas o completo preto.

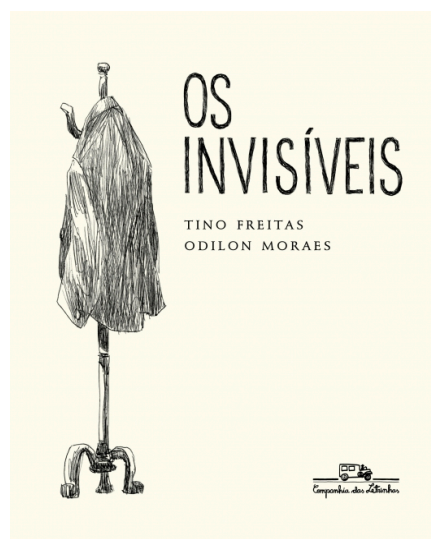
Ele não é um livro com final feliz, ele é um livro de reflexão. E, essa página escura, preta, faz parte da minha narrativa. Ela dá um pouco a tônica do livro, ele é um livro sem final feliz. O menino não volta a ter poder. Essa página dupla, toda escura, parece uma imagem só... nem traz imagem nenhuma. É uma página toda chapada de preto. E o preto concreto não tem o invisível, mas esse preto chapado é o preto da silhueta do menino. Quer dizer, é o preto... inclusive, a gente volta para aquela página da lua, que o olho vira lua e que fecha. Então, a lua não abre de novo, a lua não aparece, o poder não reaparece. E, apesar de não ter imagem nenhuma, tem todas as imagens do livro, tem o concreto, tem a carne do menino, tem a pele do menino. Isso é o menino. Então, ele está aí sem estar aí, sem ter uma silhueta. Acho que tem várias possibilidades de leitura dessa página dupla preta. Quando a gente trabalha com livro, que não é um livro didático, não é um manual, que é um livro de arte, de literatura... as aberturas, inclusive que eu não controlo, são muito bem vindas, para que os próprios leitores cheguem em outros caminhos. Então, por exemplo, o que significa isso? é a carne ou a pele dele? Não voltou? O que que pode acontecer, o que pode surgir desse silêncio, dessa dupla? Então é isso. Acho que ele é um silêncio proposital. Bem explícito, é um silêncio gritante, porque é um momento de reflexão (Moriconi, 2025).

Após a rica conversa que tivemos com Moriconi, pudemos perceber a sua forma de pensar sobre a invisibilidade, onde esse tema se encaixa com as suas experiências pessoais e quais foram as suas motivações para não continuar mais com aquela obra. A seguir, passaremos para a análise do livro de Freitas e de Moraes.

3.4 Os invisíveis, de Tino Freitas e de Odilon Moraes

O livro *Os invisíveis*, ilustrado por Odilon Moraes, tem como casa editorial a Companhia das Letrinhas, a qual já é morada de vários de seus livros. Para o procedimento dos desenhos, foi usada caneta Bic, com uma técnica que Moraes estava elaborando no momento da construção da obra. Ela tem mais páginas do que a versão de Moriconi.

Figura 7 - Capa de *Os invisíveis*, por Tino Freitas e Odilon Moraes



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Ao observarmos a capa do livro, nos é revelado um casaco pendurado. Seria essa a veste de um invisível, que retirou aquilo que dava a ele características de sua personalidade e, ao mesmo tempo, que poderia o enquadrar como um invisível? A ausência de alguém nos remete justamente ao tema central do livro, a invisibilidade, uma vez que faz referência a pessoas que não são facilmente notadas pela sociedade ao seu redor, como se fossem apenas os objetos que carregam.

Moraes, na entrevista, nos relata a sua percepção sobre a capa, tendo como conhecimento prévio o conto *Espelho*, de Machado de Assis, em que a vestimenta é colocada para reflexão: “Quando eu vi que estavam só as roupas desenhadas, eu pensei: Oh, igual em Machado de Assis, só que ao contrário, que as roupas não dão visibilidade, ele continua invisível. Então, lembrei muito desse conto... essa história da invisibilidade...” (Moraes, 2025).

Ainda na capa, podemos perceber os traços feitos à caneta, já nos adiantando sobre como seriam as ilustrações ao longo da narrativa. O uso da cor preta para compor as marcações com o fundo mais claro nos passa a ideia de vazio e ausência.

Ao adentrarmos nas primeiras páginas do livro, vemos o menino, seu pai e o cachorro andando juntos. Nesse momento, aparece um gari como invisível, ou seja, ele está nessa posição de invisível pela profissão que exerce. Ele não tem rosto, não é possível ver sua fisionomia, seus cabelos, ou perceber sua idade. Talvez, pela sua curvatura, podemos inferir que seja um homem de meia idade. Mas, por que está sem rosto, sem identidade? É assim que, muitas vezes, são vistos pela sociedade, ou mesmo, não vistos. Apenas quem os enxerga é o menino, e apenas ele durante toda a história.

Figura 8 - Coletor de lixo como invisível



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Outro fator importante é que Moraes não trouxe apenas a invisibilidade por classe social, mas também, por exemplo, sobre o próprio menino se sentir invisível diante de seus pais, na sala de sua casa, quando o pai está usando o notebook e a mãe o celular. A criança está tomando algo quente em sua caneca, pois há fumaça saindo dela. Entretanto, mesmo tendo havido esse cuidado com a criança, não foi o suficiente para que ela se sentisse acolhida naquele ambiente. O garoto precisava de afeto e atenção, não apenas cuidados básicos. Outro ponto é que o cachorro não aparece como invisível, ele está ali presente na imagem, pois ele estava sendo visto

pelo menino, assim como seus pais. O único a ser invisível pelos seus olhos era ele próprio.

Figura 9 - O menino invisível



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Como foi dito, Moraes não representou os invisíveis apenas como resultado das classes sociais. Ele trouxe a questão da velhice, em como o idoso pode se tornar invisível diante das outras pessoas. Na Figura 10, vemos um senhor com roupas formais, novamente, inferimos essas informações pelos outros elementos dele, uma vez que seus traços não são vistos de fato. Ele está sentado em um banco de praça, o qual deve ter muitas histórias para contar sobre as mais diversas pessoas que já se sentaram ali. Ele está sozinho, parado, com o corpo voltado para frente.

Figura 10 - Idoso como invisível no início da história



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

É evidente a sua solidão. Até que o menino vai até a sua direção e lhe dá uma maçã. Ele a aceita. Naquele momento, ele foi visto pela criança. Ela deu importância à sua existência e percebeu alguma necessidade sua, talvez a fome, já que nós leitores não conseguimos ver sua fisionomia.

Figura 11 - O idoso invisível sendo visto pelo menino



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Ao longo da narrativa o menino vai vendo outros invisíveis e dando importância às suas existências. Mas, aos poucos, ele vai crescendo e vai perdendo o seu poder, assim como na versão de Moriconi, ao passo que vai para a faculdade, começa a trabalhar, conhece o amor, perde pessoas e há o nascimento de um filho. Os anos vão passando, podemos observar a passagem do tempo com o crescimento da árvore ao lado do banco, que está presente desde o início.

Aquele menino, agora idoso, vai em direção ao banco, devagar e, ao se sentar, não conseguimos mais ver o seu rosto. Ele agora se tornou um invisível, tal como o senhor que aparece sentado nesse mesmo banco, quando ele ainda era criança. A história não se finda aqui. Há ainda uma redenção para ele, pois há uma bola vindo em sua direção.

Figura 12 - O menino idoso como invisível no final da história



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Atrás da bola que rola em direção ao banco está uma menina, que vem ao seu encontro e entrega a ele o bola. Com esse gesto, mantemos a esperança para o tema da invisibilidade, inclusive no quesito da velhice. Alguém o enxergou, assim como o menino havia enxergado os invisíveis durante toda a sua infância.

Figura 13 - O final com redenção e esperança



Fonte: Freitas e Moraes (2021).

Após repassarmos a história, de forma geral, iremos nos atentar a alguns detalhes. Ao analisarmos os traços e as escolhas artísticas sobre como os invisíveis seriam retratados, já relatamos que as pessoas invisíveis em suas ilustrações não apresentam rostos, isso se dá ao fato de o leitor não ter o mesmo poder do menino da história.

Silva tem a percepção de que

as ilustrações de Odilon Moraes nos permitem ir além das palavras escritas no papel, uma vez que estes invisíveis tomam a forma por meio da arte

visual. Nós não podemos imaginar de quem se tratam essas pessoas apenas com o texto de Freitas, entretanto, as ilustrações nos permitem acessar e compreender a quem o autor se refere (Silva, 2024, p. 39).

Ao conversarmos com Moraes, percebemos que a sua intenção foi não dar fisionomia aos invisíveis, justamente por serem, de fato, invisíveis. O único que conseguia os ver era o menino, e não o leitor, por isso invisíveis apenas aos nossos olhos.

Em relação às escolhas técnicas para fazer as ilustrações, Moraes relatou como selecionou a caneta Bic para ser seu instrumento de trabalho.

No momento em que chegou o convite, eu estava, por coincidência, fazendo muito trabalho de caneta Bic, porque eu tinha passado a pandemia fazendo desenho de caneta Bic, lancei até um livro que chama Vida animal, são só desenhos de bicho assim. Então, eu estava muito envolvido com isso. Aí quando chegou esse livro, eu falei: Ah, vai ser duas cores pra fazer o boneco. E daí falei: Ah, vou fazer com caneta Bic igual eu estava fazendo. Estou animado com isso e achei que ia ser legal nesse livro. Casou com o que eu estava fazendo no momento (Moraes, 2025).

Inicialmente, Moraes iria dar cor aos invisíveis, para torná-los visíveis ao leitor. Já havia feito testes e estava tudo encaminhado para que fosse dessa forma. Pouco antes de a versão final estar pronta, ele foi surpreendido pela visão de sua esposa, Carolina Moreyra, que é escritora de livros ilustrados, inclusive com parcerias com Odilon Moraes, como por exemplo em *Lá longe, Lá e aqui, O guarda-chuva do vovô, Bia e o Elefante*. Eis o relato sobre como sua ideia mudou o rumo da obra:

Ela me viu trabalhando no livro e fez uma crítica que foi fundamental para o livro ficar do jeito que ficou. [...] Eu tinha desenhado o livro como ele é. Eu já tinha desenhado todo ele, com caneta Bic. E aí eu ia ter uma segunda impressão em cima, colorida. Então, a primeira ia ser uma impressão em preto e a segunda cor eu estava estudando se ia ser roxo, se ia ser azul ou se ia ser verde, mas ia ter uma segunda cor em cima, que faria os fantasmas visíveis [inaudível], mas ia ter um fantasma impresso em cima dessa roupa. Em cima da roupa, não... em cima da cabeça, nas mãos, no que sobrava da roupa ia ter um fantasma. Eu estava fazendo isso na mesa de luz, eu tinha posto todos desenhos prontos. Estava colocando uma folha por cima e fazendo o contorno dessa nova cor que ia ser impressa em cima. [...] Mas aí o que aconteceu... A Carolina entrou e viu... a página que ela viu na minha mesa de luz era exatamente aquela página que tem aquela multidão [inaudível]... Tem até celular, tem chapéu. Ela viu aquilo e falou: Nossa, que força... E eu falei pra ela, achando que eu... falei: Não! mas espera aí que agora ainda vai vir uma cor em cima. Vai ficar incrível. Então ela olhou,

ela falou: Como assim você vai botar uma cor em cima? Falei: É! vai ter essa sombra dos fantasmas, vai ter o fantasma. E daí ela falou: De jeito nenhum, você não pode fazer isso. Falei: Por que?. Aí ela deu uma explicação genial, ela falou assim: No livro do Renato, que tem os fantasmas, o leitor se coloca na posição de quem também consegue ver. Então não é só a criança que vê, é a criança e eu que estou lendo. Eu não tenho estranhamento por não ver as pessoas. Quem tem estranhamento, segundo o texto, são os que não veem, mas eu, como leitor, estou vendo. Então, na verdade, quem tem o poder de ver é o menino e eu. E, depois ela falou assim: Você não pode dar esse poder pro leitor, tem que deixar só o menino. Falei: Mas como?. Ela falou: Você não pode botar os fantasmas... faz o leitor também não ver. Falei: Jura?. Ela falou: Claro!. E é isso que eu achei genial, quer dizer, olha, eu acho que, num livro ilustrado, você pensar que uma ilustração pode mudar o ponto de vista do leitor... Se eu botasse os fantasmas, o ponto de vista do leitor era o ponto de vista de quem vê. A hora que eu não boto os fantasmas, o leitor está no ponto de vista de quem não vê, então, ele vai ter uma aflição que ele não teria na outra, se eu tivesse colocado a cor. Vai ficar aflito de não conseguir ver (Moraes, 2025).

Resumindo, Moraes não havia pensado nessa forma de ilustrar livros, até que Carolina fizesse o feedback que mudaria tudo.

Que poder que tem a imagem, eu mesmo fiquei assustado com o poder da imagem, ao seguir esse conselho da Carolina de ter transformado o ponto de vista do leitor. É como se alguém entrasse numa casa sempre com o pé direito e ela falar: Não, vou fazer ele entrar com o pé esquerdo (Moraes, 2025).

Moraes nos disponibilizou as ricas imagens de como seriam os invisíveis nesse primeiro momento, antes de ter a ideia mudada pelo ponto de vista de Carolina.

Figura 14 - Invisíveis com cor I



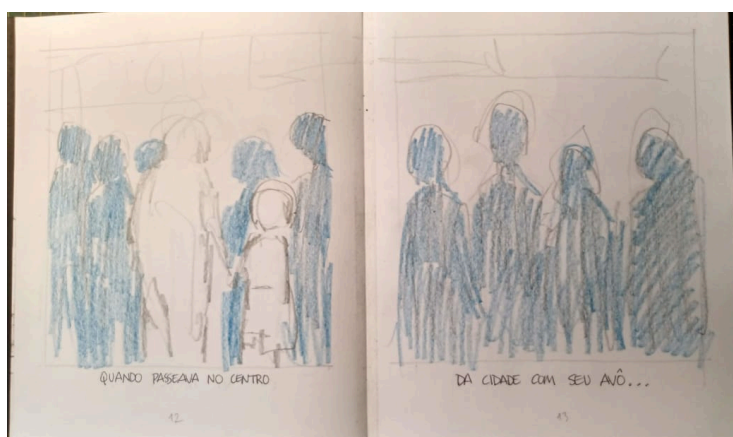
Fonte: Arquivo de Moraes, 2021.

Figura 15 - Invisíveis com cor II



Fonte: Arquivo de Moraes, 2021.

Figura 16 - Invisíveis com cor III



Fonte: Arquivo de Moraes, 2021.

Figura 17 - Invisíveis com cor IV



Fonte: Arquivo de Moraes, 2021.

Moraes acrescentou o que Carolina costuma dizer sobre a composição de um livro ilustrado, conectando esse pensamento com o próprio livro *Os invisíveis*, explicando como o ponto de vista do leitor pode ser mudado a partir das escolhas artísticas para o desenho.

Livro ilustrado não são duas histórias. São dois pontos de vista, um da imagem e um da palavra. É uma história, com dois pontos de vista. Você mudou o ponto de vista da imagem... ao tirar o poder de ver os Invisíveis, você mudou o ponto de vista de quem está vendo as imagens. Quem está vendo as imagens não é mais quem tem poder. Você mudou o ponto de vista do leitor (Moraes, 2025).

Considerando a importância das ilustrações para o direcionamento do ponto de vista dos leitores, refletimos também sobre quais elementos visuais foram utilizados para representar a invisibilidade das crianças na obra e se houve algum simbolismo específico que Moraes quis explorar.

As roupas, porque essa invisibilidade tem muito a ver com a aparência. Então, as roupas andando sem a pessoa dentro que, simbolicamente, é a invisibilidade. Eu acho que, simbolicamente, as crianças são isso. As crianças simbolizam a renovação, na hora em que, no final da história, aparece aquela menininha jogando bola, a bola cai, e ela vai pegar com ele.... Isso é um símbolo de que isso vai voltar a acontecer (Moraes, 2025).

Assim como as ilustrações podem direcionar o olhar do leitor, elas também podem contribuir para a construção da identidade social dos personagens que são retratados como invisíveis. Assim, visamos compreender como Moraes acredita que as imagens que ele criou ao longo da narrativa conseguiram comunicar essa invisibilidade que as palavras sozinhas não conseguem. Ainda, como ele conseguiu representar essa identidade dos invisíveis por meio das ilustrações e se esses questionamentos suscitaram reflexões interessantes sobre a importância das roupas ao retratar os invisíveis.

Eu acho que é exatamente deixando as roupas sozinhas; inclusive, pelas roupas também você identifica. Por exemplo, tem aquela cena que tem todo mundo na rua, tem até uma placa com aqueles homens que ficam no centro de São Paulo. [...] Você vai identificando os Invisíveis pelas roupas. Quem eles são. Então, o que está com um boné, você fala: Esse deve ser mais jovem. O

outro está com paletó, deve ser um executivo, segurando uma pasta. Então, você vai identificando cada um através da roupa, mas, ainda assim, invisíveis (Moraes, 2025).

Ao refletir sobre as experiências pessoais de Moraes diante da invisibilidade, ele nos trouxe vários pontos que elucidou como a trajetória do ilustrador pode influenciar em sua prática.

Eu conheço, há muito tempo, um amigo meu que é terapeuta; ele já tinha me contado de uma tese, não sei se é doutorado, de um cara que fez... não sei se ele próprio se vestiu com roupa de lixeiro, alguma coisa. E ele via como isso acontecia. Então, esse assunto era um assunto que eu já tinha em questão, inclusive eu já tinha esse assunto, até por outras entradas, por exemplo, tem um conto do Machado de Assis que eu adoro. Chama O espelho, que é uma invisibilidade ao contrário. Ele é soldado e ele tem que deixar de ser soldado. E quando ele tira a farda, ele não se vê. É o oposto, né? Toda a identidade dele está no fato dele ser militar. Então, se ele tira o casaco, ele não se vê, porque ele colocou toda a identidade dele dentro daquele casaco. É o oposto [...] Então, essa questão da invisibilidade eu já tenho dentro de mim por outras questões, não só pela social, mas também por essa questão do que é a aparência. Todo mundo que desenha tem essa questão. Quando você faz o retrato de uma pessoa, você está desenhando a cara dela ou você está desenhando quem ela é [...]. A visibilidade é um adorno que é a pessoa. E, às vezes, a gente precisa ver dentro. Então, essa questão eu sempre tive, no geral; e aqui, esse livro, especificamente, com essa tese de doutorado, ia muito para a questão da invisibilidade social. Mas eu acho que você pode pensar em qualquer coisa. Uma coisa é o que ela se mostra e outra coisa é o que ela é, que nem sempre o que se mostra é o que é. Isso é Fenomenologia. Então, enfim, esse livro não trouxe especificamente essa questão para mim. Ela se encaixou em um pensamento meu, que eu já tinha (Moraes, 2025).

Outro fato em sua vida que influenciou diretamente na elaboração do livro também foi explicitado por Moraes.

Eu morei algum tempo, no começo do casamento, em Higienópolis. [...] A cidade, no sábado, quando você andava pelas ruas, tinha um monte de gente vestida de preto com aquela coisa de judeu ortodoxo, aqueles chapéus, assim. Mas pareciam duas realidades que não se cruzavam. Tinha as pessoas passeando, eu passeando com meu filho, com a minha família. Esses judeus de preto passeando, parece que a gente... que os corpos se cruzavam. Eles não olhavam pra gente e a gente não olhava pra eles. Então eram duas populações, uma invisível a outra. Eles invisíveis, e nós, invisíveis para eles. Agora, olha só que maluco, teve um dia que eu estava andando na rua e veio um menino correndo, chegou para mim e falou 'oi'. Daí eu vi que ele tinha síndrome de Down. Aí eu pensei assim: Olha que maluco, esse menino, por ter síndrome de Down, não se vê através da

identidade judaico, então ele conseguiu me ver. E, quando ele falou 'oi', eu levei um susto porque eu nunca tinha olhado para ele. Como se ele tivesse quebrado... Eu falei: Olha que bonito, quer dizer, deu uma abertura para ele, porque ele me viu como outro igual (Moraes, 2025).

Esse encontro de invisíveis foi marcante para Moraes, lembrando desse menino ao desenhar a criança em seu livro.

Quando eu desenhei a criança dos invisíveis eu lembrei dele, quando eu desenhei aquela menina no sinal. Eu me lembrei. Então, é bonito quando quebra essa visibilidade: você fala, caramba, existe o outro e eu existo. Então, naquele momento que o menino correu, atravessou a rua e falou 'oi' para mim, eu falei: Eu passei a existir. Eu, pela minha identidade, não o via, e, pela dele, ele não me via. Foi preciso ele quebrar isso para a gente se ver. [...] Essa coisa de busca pela identidade... às vezes... eu tenho um pé atrás do que eu falo... Às vezes, a identidade encobre; às vezes, não; às vezes, ela encontra você. Às vezes, ela te encobre, porque você só se identifica com ela, e tudo o que não passa por ela você não vê. Olha só: até a identidade, se for pensar do ponto de vista da invisibilidade, também possui um lado [obsuro] (Moraes, 2025).

Odilon nos encanta com seu ponto de vista sobre a invisibilidade, inclusive sobre como trouxe esse tema tão delicado em sua obra. Suas experiências pessoais influenciaram no modo como ilustrou os invisíveis. Para aprofundar essas questões, buscamos entender quais foram os maiores desafios ao ilustrar essa história, especialmente considerando a primeira versão.

Então, a primeira coisa é que eu tinha as críticas que o próprio autor da primeira edição tinha na obra dele. Isso, para mim, foi muito forte, assim, porque eu entendi a angústia dele como autor, por ficar aflito por uma interpretação que o livro possibilitava. Eu falei: Deixa eu dar mais direcionamento, de certa maneira, nessa invisibilidade. Inclusive, quando você coloca o próprio leitor sem ver — quer dizer, não tenho dúvida —, em que lugar ele está? Ele está no lugar de quem não vê, e não no lugar do invisível. Eu tentei reforçar essa posição de quem está lendo o livro é alguém a quem falta o poder (Moraes, 2025).

Como já havia um livro publicado de Os invisíveis, uma concepção sobre como Moraes iria prosseguir com a sua história seria inevitável. Diante disso, gostaríamos de saber, durante a entrevista, como Moraes vê a relação entre o texto de Tino Freitas e as suas ilustrações, se ele acredita que as imagens amplificam ou transformam a mensagem do livro, a história do livro sobre a invisibilidade.

Foi ótimo você ter usado essas duas palavras: transformam ou amplificam. Eu acho que em um livro ilustrado você não tem como dizer que a imagem transforma nem amplifica. Porque, se transforma, é porque já tinha uma forma. Você transforma. Mas aí o livro ilustrado, o bonito do livro ilustrado... tem um cara que chama... Daqui a pouco eu lembro. Mas ele fala que no livro ilustrado não existe o texto puro, assim como também não existe a imagem pura. O que existe no livro ilustrado é o texto modificado pela imagem, e a imagem modificada pelo texto. Essa é a inteireza, isso aqui é bonito. Quer dizer assim, então, quando um escritor põe uma palavra no livro ilustrado, ele sabe que aquilo não é o que vai ser dito. O que vai ser dito é o que ela vai virar quando colocar junto com a imagem. Isso é a palavra do livro ilustrado. Então ele fala: A palavra, no livro ilustrado, é uma palavra alterada, e a imagem, no livro ilustrado, é uma imagem alterada pela palavra. Então, não dá para dizer que a minha imagem amplificou o texto dele. Você pode dizer assim, ao contrário, que o texto dele se fez junto com a minha imagem, assim como a minha imagem se fez quando apareceu o texto dele. Ela não era ainda (Moraes, 2025).

O final de seu livro nos traz esperança. Em específico na última página, refletimos sobre qual sensação Moraes acredita que essa última página inserida no livro propõe ao leitor, é dizer, qual sensação que o leitor pode ter ao lê-la.

Pra mim, traz uma sensação de esperança [...]. Então, eu tinha essa coisa, uma visão assim da história, que eu preferia acabar com uma esperança. Por mais que você passe pelo trajeto da invisibilidade, é como se tivesse ainda uma coisa viva no olho de cada criança que ainda vai ter. Então, enquanto ainda tiver crianças, ainda temos uma salvação. E eu acho que essa foi a minha preocupação no final (Moraes, 2025).

Para finalizar o diálogo que estabelecemos com Moraes, concluímos com um elemento essencial para a história, que é o banco na praça.

A minha preocupação era dar essa ideia da continuidade, que depois o menino vai ficar velho, vai sentar nesse banco e vai ficar invisível. Você vê que começa... tem um personagem invisível sentado no banco. E eu acho que o banco, desses de praça, é uma dessas coisas que tem muita história. Você fica imaginando o que já aconteceu naquele banco e, às vezes, em uma cidade pequena, você lembra que você era pequeno quando brincava naquele banco. É uma coisa que permanece. E eu achei que o banco desse a ideia de permanência, tanto que, na hora que eles estão passeando, o banco fica sempre lá. E a hora que fala que teve filho, que a família cresceu, você vê que eles estão passeando lá atrás, e o banco está na frente. E daí você não imagina que a criança que está passeando lá vai, um dia, sentar naquele banco também e ser um velho também. Então, acho que o banco, para mim, simbolicamente, tem essa ideia de um objeto que contém muitas vidas que

passaram por ele, vidas entranhas, não é o banco da sua casa, é o banco da praça. Então, quanta gente, quantas histórias passaram por ele, e essa é uma delas (Moraes, 2025).

Essa reflexão nos revela uma compreensão da literatura infantil como espaço simbólico e poético, onde objetos cotidianos ganham destaque narrativo. O banco, nesse contexto, não é apenas cenário, é uma testemunha silenciosa da passagem do tempo, da infância até a velhice, das gerações que vêm e que vão. Ao ter o banco como objeto permanente desde o início da história, percebemos a memória nos espaços públicos e a continuidade da experiência humana por meio das vivências dos invisíveis naquele local. Cada leitor ganha a possibilidade de projetar suas histórias e lembranças sobre o que é, aparentemente, apenas parte do fundo da cena.

A seguir, abordaremos algumas das diferenças vistas entre os dois livros aqui analisados.

3.5 As diferenças entre os dois livros

Faremos uma breve análise sobre as diferenças vistas entre os dois livros. Para esta etapa, tomaremos como base as falas de Moraes, pois, como a obra ilustrada por Moriconi já estava pronta quando o convite para ilustrar chegou até ele, Moraes já contava com um direcionamento prévio. Tendo isso em vista, uma das diferenças que Moraes vê entre os livros é em relação à invisibilidade que ele deu ao próprio menino, em suas palavras, “eu dei as duas características para ele, o poder de ver e depois, mais tarde, a invisibilidade”. Entretanto, além de o tornar um invisível, houve uma redenção no final: “a invisibilidade que a criança vai ganhar e, depois, vai ser salva por outra criança, de certa maneira, tornou o texto, acho, que um pouco mais esperançoso no final” (Moraes, 2025).

Uma segunda mudança ocorrida foi em relação a uma frase específica.

Uma frase que a gente mudou, uma só, que tinha uma frase que ele falava assim: E ele casa. E eu sugeri para o Tino: Em vez de se casar, põe: “ele encontrou o amor”. Porque eu pus o desenho e eu falei para ele: Olha, essa cena não é mais “encontrou o amor?”. E ele falou: É! vamos botar “encontrou o amor”. É a única frase que a gente mudou (Moraes, 2025).

Outra questão foi como a primeira publicação influenciou o olhar de Moraes sobre como ele próprio iria ilustrar o seu livro, levando em consideração a opinião de Moriconi sobre a maneira que havia encaminhado os desenhos na primeira versão.

Se não tivesse a primeira edição, talvez a minha história tivesse sido completamente outra, porque ela foi pautada também, quase como uma conversa com a primeira edição. Então, assim, não foi do zero que eu comecei, porque, às vezes, quando tem um livro, não ilustrado, mas o livro tradicional, que já teve outras ilustrações... Às vezes, até não gosto de ver, porque não quero ser... Mas esse era esse caso. Era um livro ilustrado. Eu conhecia a história desde a primeira edição que eles me mostraram. Eu tinha todo o envolvimento com o livro. Então, a minha questão foi dialogar com esse livro que já estava pronto, que eu estava refazendo (Moraes, 2025).

A partir disso, vemos que Moraes levou em consideração a versão de Moriconi, justamente por ter envolvimento com a história desde o início da primeira publicação. Ademais, concordamos com as falas acima no que diz respeito ao toque de esperança dado ao livro de Moraes, uma vez que é como se fosse um ciclo. A criança vê os invisíveis, cresce e não os vê mais, até que envelhece e se torna ele próprio um invisível. Entretanto, no final tem um momento de redenção, com a menina se aproximando do idoso, que antes era o menino, e o vê.

Ao refletirmos sobre as próprias falas dos ilustradores, vemos que a obra de Moriconi, por conta da sua questão pessoal como leitor de seu próprio livro, influenciou a forma como Moraes encaminhou os desenhos de sua versão. Ou seja, se não houvesse as preocupações de Moriconi, certamente o livro de Odilon teria um encaminhamento diferente.

A seguir, apresentaremos o ponto de vista de Freitas sobre as duas obras.

3.6 Visão de Tino Freitas em relação às obras

Como é elucidado na metodologia deste TCC, a conversa com o Tino Freitas se deu por meio de um questionário enviado por e-mail. As questões elaboradas foram apenas três, as quais foram pensadas a fim de nos esclarecer algumas questões que surgiram ao longo do processo de pesquisa.

Ao perguntar sobre a inspiração para o surgimento do livro, buscamos compreender o ponto de partida da criação literária, ou seja, se houve alguma

lembança ou inquietação que tenha se transformado em narrativa. Essa questão buscou revelar o que motivou o autor a escrever e se houve vínculos afetivos ou sociais que permearam a obra. Nosso objetivo é perceber quais experiências ou temas o autor considerou significativos para dialogar com o universo de seu livro.

Ouvi uma notícia no rádio sobre um estudante da USP, acho que mestrando na época que, como parte do seu projeto, se vestiu de gari e foi trabalhar no seu departamento junto aos demais dessa profissão, e se sentiu invisível diante dos seus então colegas de universidade. Achei forte o depoimento dele e pensei que poderia imaginar uma forma de alcançar também as crianças a partir de um livro ilustrado que provocasse essa inquietação de se sentir invisível e/ou de notar que não viu o próximo ali ao seu lado. Daí foram dois anos escrevendo até achar que estava "pronto" para ser apresentado à editora e depois ao(s) ilustrador(es) (Freitas, 2025).

Como elucidado na parte teórica deste estudo, também citamos o estudo de Costa acerca de seu experimento social, abordando a invisibilidade social dos garis. Dessa forma, Freitas foi influenciado por questões sociais que se fizeram presentes no processo de produção da história. Ao indagar sobre as diferenças percebidas entre as duas publicações do livro, considerando as particularidades de cada ilustrador, buscamos compreender como a imagem influencia a recepção e a construção de sentidos da própria narrativa:

As diferenças são inúmeras. O formato, a quantidade de páginas, a divisão do texto, a escolha do estilo nas ilustrações e por aí vai... mas, para mim, uma se sobrepõe às outras: a escolha de um novo final. Quando procuramos Odilon, eu já buscava um final mais esperançoso e cíclico, sem que fosse preciso mudar o texto. Partimos dessa ideia, conversamos muito até alcançarmos a solução aplicada (Freitas, 2025).

A busca por um final mais esperançoso não veio apenas de Moraes, mas também de Freitas. Esse novo final trouxe um tom de otimismo e redenção aos leitores que, por vezes, também podem se sentir invisíveis mas que, agora, conseguem ver uma saída. A terceira pergunta buscou aprofundar ainda mais a relação entre texto e imagem, ao questionar se as duas versões da obra conduzem o leitor a perspectivas de leitura distintas por meio das ilustrações. Essa questão foi fundamental para a nossa pesquisa, pois a imagem não atua como apoio visual, mas como linguagem autônoma, capaz de suscitar interpretações próprias. Ao

responder, Tino Freitas nos convida a perceber como propostas visuais e textos verbais se completam durante a criação.

Um bom livro alcança cada leitor de uma forma singular, própria, diferente. Então, eu diria que já colocaria o leitor numa perspectiva diferente se fossem vários leitores lendo uma mesma edição. Lendo as duas, que penso serem bem distintas, essas perspectivas se ampliam, na minha visão. Um livro, um bom livro, não é, ou não deveria ser, uma coisa só. A leitura se completa somente após o que criamos, Odilon e eu - ou Renato e eu (no caso das duas edições de Os Invisíveis) - encontra com o que já está escrito no leitor. E a cada leitura, ele, provavelmente, se percebe diferente, pois já não é o mesmo (o que faz a leitura ser outra também) (Freitas, 2025).

O sentido da obra não está fixado no texto, mas se constitui no encontro entre autor, texto e leitor. Nessa perspectiva, cada leitura é única. Por fim, as respostas de Tino Freitas às três perguntas revelam a complexidade do processo criativo de um livro de literatura infantil, principalmente quando texto e imagem dialogam de maneiras tão diferentes entre as publicações. Dessa forma, o olhar do autor ampliou a nossa percepção sobre o papel da ilustração em um livro infantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos as diferentes obras *Os invisíveis*, percebendo a forma como os ilustradores representaram a invisibilidade em suas ilustrações, compreendemos que Odilon Moraes e Renato Moriconi tiveram percepções singulares diante da invisibilidade, de acordo com suas experiências de vida. Embora tenham visões únicas sobre o assunto, eles têm perspectivas semelhantes sobre a invisibilidade.

A partir das análises de como as escolhas de ilustração e o olhar dos ilustradores nas obras *Os invisíveis* podem influenciar na perspectiva de leitura do leitor em relação ao tema da invisibilidade, observamos que na obra de Moriconi o leitor vê os invisíveis junto com a criança da história. Já na obra de Moraes isso não ocorre, o leitor não tem a mesma visão da criança da narrativa, pois esta é a única que enxerga os invisíveis.

Além dessas questões, um ponto essencial para esta pesquisa foi em relação a como os ilustradores têm suas próprias motivações e escolhas artísticas, a partir de suas perspectivas pessoais, influenciando a maneira como o tema é abordado nas ilustrações, como exemplo, Odilon trazendo a menina que enxerga o idoso no banco, assim como ele se sentiu visto pela criança em Higienópolis.

O conceito de invisibilidade é traduzido visualmente em cada livro de forma única e especial. As duas obras terão em sala de aula um papel importante para abordar um tema tão singular e que pode ser visto e discutido a partir de posicionamentos diferentes.

As discussões desenvolvidas ao longo da pós-graduação *O livro para a infância: Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação* foram fundamentais para a construção deste trabalho, pois intensificaram minha percepção sobre a potência estética e social do livro infantil. Ao voltar a nossa visão sobre o papel da literatura na formação do leitor, e sobre como a imagem e o texto se entrelaçam na construção de sentidos, pudemos perceber como temas fraturantes, como a invisibilidade, podem ser abordados de maneira sensível e profunda por meio da linguagem visual e verbal. *Os Invisíveis* trazem à tona camadas distintas de sentido, inclusive na maneira como os ilustradores constroem visualmente aquilo que, por natureza, é difícil de se representar: o que não se vê.

REFERÊNCIAS

AMADO, João; FERREIRA, Sónia Mairos. A entrevista na investigação em educação. In: AMADO, João. *Manual de investigação qualitativa em educação*. 2. ed. Imprensa da Universidade de Coimbra, 2014.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Tradução Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016.

COSTA, Fernando Braga da. *Homens Invisíveis: Relatos de uma Humilhação Social*. São Paulo: Globo, 2004.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Renato Moriconi*. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/colaborador/02740/renato-moriconi>. Acesso em: 12 jan. 2025.

DONÁ, Gabrielly. A morte nunca vem sozinha: temas fraturantes e formação docente. Orientadora: Renata Junqueira de Souza. 2024. 180 f. *Dissertação* (Mestrado em Educação) - Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2024.

FONSECA, João José Saraiva da. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002.

FREITAS, Tino. *Os Invisíveis*. Ilustrações de Renato Moriconi. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

FREITAS, Tino. *Os invisíveis*. Ilustração de Odilon Moraes. Nova edição. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2021.

FREITAS, Tino. *Tino Freitas escritor | Literatura para infância*. Site oficial do escritor e músico Tino Freitas, dedicado à literatura infantil e música. Disponível em: <https://www.tinofreitas.com.br/>. Acesso em: 11 dez. 2024.

GILI, Silvana. Invisíveis na cidade: invisibilidade social nos livros ilustrados contemporâneos. *Caderno de Letras*, Pelotas, n. 27, jul.-dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/cadernodeletras/article/view/8816>. Acesso em: 2 mar. 2025.

GLOBAL EDITORA. *Biografia de Odilon Moraes*. Disponível em: <https://grupoeditorialglobal.com.br/autores/lista-de-autores/biografia/?id=830>. Acesso em: 12 jan. 2025.

KIRCHOF, Edgar Roberto; SOUZA, Renata Junqueira de. A literatura infantojuvenil na contemporaneidade: desafios, controvérsias e possibilidades. *Em Aberto*, Brasília, v. 32, n. 105, p. 25-40, maio./ago. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336456714_A_literatura_infantojuvenil_na_contemporaneidade_desafios_controversias_e_possibilidades. Acesso em: 21 jan. 2025.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

OLIVEIRA-IGUMA, Andréia Alencar. De quais jovens fala a literatura juvenil brasileira premiada pela FNLIJ de 2000 a 2017?. 2019. 248 f. *Tese* (Doutorado em Estudos Literários) - Universidade Federal de Uberlândia, 2019. DOI <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2019.2530>.

SILVA, Maria José Xavier da. *Os temas fraturantes e a literatura crossover na obra Os Invisíveis, de Tino Freitas*. 2024. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Mamanguape, PB, 2024.

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel; MELLO, Darlize Teixeira de; BARBOSA, Liége Freitas. Invisibilidade social e leitura literária de crianças – um estudo sobre “Os Invisíveis”, de Freitas e Moriconi. *Educação Unisinos*, v. 23, n. 2, p. 316-337, abr./jun. 2019.